

Este artigo é parte integrante da Edição v.1, n.2, 2017

eISSN 2595-1971  
DOI 10.25188/FLT-GaleriaTeologica(eISSN 2595-1971)v1.n2.2017.p65-97

Licenciado sob uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional



## **SÍNDROME PÓS-ABORTO: UM OLHAR A PARTIR DO ACONSELHAMENTO E DO CUIDADO CRISTÃO**

**ALINE BRUCH JOCHEM**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	67
<b>1 DIGNIDADE DO NASCITURO</b> .....	68
1.1 PANORAMA DOS PRINCIPAIS ARGUMENTOS DOS PRÓ-ABORTO.....	68
1.2 QUEM DETERMINA SE O NASCITURO É SER HUMANO?.....	70
1.3 DIGNIDADE DO NASCITURO NUMA PERSPECTIVA BÍBLICA ENVOLVENDO O DIREITO HUMANO.....	72
<b>2. ALGUMAS SÍNDROMES DECORRENTES DO ABORTO VOLUNTÁRIO</b> .....	75
2.1 CULPA DECORRENTE DO ABORTO INTENCIONAL.....	77
2.2 LUTO DECORRENTE DO ABORTO INTENCIONAL.....	79
2.3 DEPRESSÃO DECORRENTE DO ABORTO INTENCIONAL.....	81
<b>3.ACONSELHAMENTO CRISTÃO PARA AS MULHERES QUE ABORTARAM VOLUNTARIAMENTE</b> .....	84
3.1 CONFISSÃO DE PECADOS PÓS-ABORTO.....	85
3.2 AUXÍLIO NO LUTO PÓS-ABORTO.....	88
3.3 AUXÍLIO NA DEPRESSÃO PÓS-ABORTO.....	89
<b>CONCLUSÃO</b> .....	94
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96

## INTRODUÇÃO

O tema aborto é sempre polêmico, há muitas discussões acerca da dignidade do nascituro e do direito das mulheres. O nascituro é de fato um ser humano? Quem determina a sua humanidade? Considerando que a mulher tem o direito à privacidade, isso lhe concede o direito de abortar? Há consequências psíquicas e espirituais quando a mulher comete o aborto? Essas, entre outras perguntas serão analisadas nesta pesquisa.

Levando em conta que a mulher também possui dignidade, por que, normalmente, se fala pouco sobre a síndrome pós-aborto? A síndrome pós-aborto é consequência do trauma do abortamento, pois a realização do mesmo é um stress agudo e fere aspectos da psique feminina que envolve a maternidade.

Entre os sintomas da síndrome pós-aborto fazem parte a culpa, o luto e a depressão que serão analisados na perspectiva do aborto intencional. Será que todas as mulheres que cometeram o aborto sofrem com a síndrome pós-aborto? A culpa que elas sentem é imposta por alguém ou é algo antropológico por causa do pecado? Como muitos dos que são pró-abortistas não reconhecem que no aborto voluntário ocorre a morte de um ser humano e como a sociedade normalmente ignora esse luto, a mãe pode sofrer com o luto postergado. Esse, entre outros fatores que envolvem o abortamento intencional podem ser motivos de depressão.

Haja vista que uma mulher sofre com a síndrome pós-aborto, há solução para o problema dela? Como um conselheiro cristão pode ajudá-la? A confissão de pecados é um auxílio no pós-aborto voluntário. Como Deus é quem concede a vida a cada ser humano, Ele pode perdoar quem cometeu um aborto intencional. Sabendo que Deus perdoa, é possível perdoar a si mesma, bem como outras pessoas que estavam envolvidas na decisão de abortar.

O conselheiro cristão pode auxiliar no luto pós-aborto. Como a sociedade normalmente não oferece espaço para uma mãe vivenciar o luto no pós-aborto, durante o aconselhamento cristão pode-se dar lugar para que a mulher dê vazão a sua dor apontando para a esperança da ressurreição que há em Jesus Cristo. O próprio Jesus convida a não temer, mas crer somente.

Como o conselheiro cristão pode auxiliar a mulher na depressão pós-aborto? De que forma auxiliar uma mulher que após o abortamento começa a usar substâncias psicoativas? No caso da mulher pensar no suicídio, o que se pode fazer? Esta pesquisa pretende proporcionar uma orientação aos conselheiros cristãos que se dispõem a auxiliar mulheres que sofrem com a síndrome pós-aborto.

## 1 DIGNIDADE DO NASCITURO<sup>1</sup>

Atualmente há uma grande discussão sobre quando começa a vida do ser humano por causa do tema aborto, sobre essa questão foram elaboradas várias teorias. Para uma melhor compreensão do tema, as principais delas serão tratadas de forma breve nesta pesquisa.<sup>2</sup>

O que significa aborto? A palavra aborto vem do latim *abortus*, formado por *ab-* “movimento para fora”, com *oriri-* “nascer, ter origem”.<sup>3</sup> Significa, portanto, interrupção de uma gravidez, expulsando o nascituro do útero materno. Há dois tipos de abortos: o aborto espontâneo e o induzido. No aborto espontâneo ocorre a interrupção da gravidez sem a vontade da mãe ou de outros. Pelo fato do embrião ou feto estar morto, acontece o aborto espontâneo. A sua morte pode se dar devido a fatores biológicos, psicológicos e/ou sociais. Já o aborto voluntário ou induzido é causado por intervenção de terceiros, pela vontade da mãe ou de outros.<sup>4</sup> Neste caso a morte do embrião ou feto é causada intencionalmente.<sup>5</sup>

O desenvolvimento de um pré-embrião se dá nos cinco primeiros dias de gestação de uma gravidez.<sup>6</sup> E o desenvolvimento embrionário se dá desde a concepção até a 8ª semana de gestação, nessa fase as principais estruturas do organismo começam a crescer.<sup>7</sup> “Por sua vez, o fetal vai da 8ª semana até o nascimento, no qual ocorre a diferenciação e crescimento dos tecidos e órgãos”.<sup>8</sup>

### 1.1 PANORAMA DOS PRINCIPAIS ARGUMENTOS DOS PRÓ-ABORTO

Conforme Geisler, as posições acerca do aborto variam de acordo com o que se pensa acerca do nascituro. Há os que pensam que ele é subumano, por isso apoiam o aborto em qualquer situação e consideram a “privacidade acima do direito à vida”.<sup>9</sup> Outros defendem que o feto é humano por completo, então não apoiam o aborto em nenhuma situação, para eles a vida é superior ao direito e à privacidade. Ainda há os que pensam que o feto ou embrião é um ser humano em potencial, assim defendem o aborto em apenas algumas situações, por isso fazem um ajuste de direitos. Por trás desses posicionamentos está a pergunta: quando começa a vida?

Conforme Geisler,<sup>10</sup> pessoas pró-aborto afirmam que: 1. A vida da pessoa começa apenas quando se tem autoconsciência, que nenhum feto no ventre da mãe possui consciência própria, portanto não é um ser humano. 2. Que o bebê é uma extensão do corpo materno, e que a mãe tem o direito de abortar o intruso, pois possui o direito de controlar seu corpo e seu sistema reprodutor.<sup>11</sup> 3. A mãe tem o direito à privacidade e à autonomia, ou seja, considera-se que estes direitos são mais relevantes do que o nascituro ter o direito à vida. O direito à privacidade tem sido um dos principais

<sup>1</sup> O termo nascituro vem do futuro no latim, é usado para se referir ao ser humano concebido até o nascimento, se refere “aquele que está para nascer”. Nesta pesquisa optou-se por usar mais este termo, pois há diferença entre o feto e o embrião, e o termo nascituro engloba tanto a fase em que o bebê é um feto quanto a de um embrião. Apenas para que não haja uma constante repetição dos termos feto e embrião. Cf. O QUE É. O que é nascituro? Disponível em: <<https://oquee.com/nascituro/>> Acesso em: 20 out. 2017.

<sup>2</sup> Nesta pesquisa o enfoque não estará nas diversas teorias acerca do aborto, para que o trabalho não fique extenso demais, porém será apresentado apenas um panorama dos argumentos pró-aborto. Para saber mais sobre as diferentes teorias do aborto, pode-se pesquisar em: GEISLER, Norma L. *Ética Cristã: opções e questões contemporâneas*. Tradução Alexandros Meimaridis, Djair Dias Filho. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Vida Nova, 2010.

<sup>3</sup> Origem da palavra. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/?s=aborto>>. Acesso em: 05 set. 2017.

<sup>4</sup> Tipos de aborto. Disponível em: <<http://www.aborto.com/tipos%20de%20aborto.htm>>. Acesso em: 06 set 2017.

<sup>5</sup> Neste trabalho será tratado especificamente sobre o aborto voluntário.

<sup>6</sup> WESTPHAL, Euler R. *Ciência e Bioética: um olhar teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

<sup>7</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Carlos Rosa. *Aborto: causas, consequências e alternativas*. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/18658/aborto-causas-consequencias-e-alternativas>>. Acesso em: 05 set. 2017.

<sup>8</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Carlos Rosa. *Aborto: causas, consequências e alternativas*. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/18658/aborto-causas-consequencias-e-alternativas>>. Acesso em: 05 set. 2017. Grifo do autor. Grifo do autor.

<sup>9</sup> GEISLER, 2010, p. 153.

<sup>10</sup> GEISLER, 2010, p. 154-157.

<sup>11</sup> GEISLER, 2010, p. 155.

argumentos para os que são a favor do aborto, pois consideram que o Estado não deve interferir na vida privada das mulheres. O fato de *Roe v. Wade* (1973) foi decisivo nos EUA para que a mulher tenha o direito à privacidade. Caso o bebê seja indesejado, a mãe pode expulsá-lo do seu corpo ou não, uma vez que ele é considerado um intruso que está invadindo o corpo da mulher. Por isso, algumas pessoas acreditam que o Estado não pode obrigar uma mãe a ter o filho do seu ventre.<sup>12</sup> 4. O zigoto também é considerado um intruso, pois este depende da mãe para sobreviver, uma vez que ela transmite “[...] moléculas matéricas para seu desenvolvimento”.<sup>13</sup> Assim é concedido à mãe o poder de decisão: se deseja o bebê ou não. 5. Que os nascituros não são pessoas até o momento da implantação, apesar deste possuir uma estrutura genética, ele ainda não possui interação humana e este elemento é considerado fundamental para a vida.<sup>14</sup> 6. “Que o aborto ilegal<sup>15</sup> é perigoso. Números que vão de 5 a 10 mil mulheres mortas, vítimas de abortos ilegais, são oferecidos como evidência”.<sup>16</sup> Eles acreditam que com a legalização do aborto, diversas mulheres não procurariam mais por clínicas ilegais, nas quais poderiam contaminar-se ou até morrerem. 7. Quando uma gravidez é indesejada torna a criança abusada, e o aborto ajuda na prevenção do abuso infantil e contra a negligência.<sup>17</sup> 8. Outro argumento é o da malformação.<sup>18</sup> Por que permitir que crianças com alguma deficiência venham ao mundo e sofram? A família e a sociedade precisariam cuidar dessas crianças e sofreriam com elas. Então, por que não abortar? Sendo que os exames pré-natais já indicariam se o bebê possui alguma malformação. Além disso, há uma preocupação com uma genética perfeita, os genes ruins devem ser removidos para o reservatório genético do ser humano, a partir do qual nasceriam as gerações futuras.<sup>19</sup> 9. Caso uma mulher tenha engravidado através de um estupro,<sup>20</sup> ela não deve ser obrigada a permitir que este bebê nasça. 10. Como não se sabe exatamente quando começa a vida do ser

<sup>12</sup> GEISLER, 2010, p. 154.

<sup>13</sup> GEISLER, 2010, p. 156. Grifo do autor.

<sup>14</sup> Conforme Geisler: “a implantação que ocorre em torno de uma semana, ou depois da concepção”. Cf. GEISLER, 2010, p. 156.

<sup>15</sup> A autora desta pesquisa acredita que com a legalização do aborto até poderia diminuir uma certa parcela de morte de mulheres que abortam clandestinamente. Por outro lado, provavelmente aumentaria o número de abortos, ou seja, mais vidas seriam perdidas. A legalização do aborto não asseguraria necessariamente a extinção do aborto clandestino, devido ao custo financeiro para a mulher ou para o Sistema Único de Saúde, e este sistema normalmente não funciona como deveria. Mariutti como estudou enfermagem psiquiátrica afirma: “a questão não é ser contra ou a favor, porque certamente é difícil ser a favor do aborto sabendo das consequências físicas e psicológicas que acarreta, mas o apoio da equipe da saúde nesta situação é fundamental, pois o que poderia influenciar na decisão de uma mulher não abortar seria um acesso a serviços de saúde antes da gravidez indesejada acontecer e não a maneira que ‘cuida’ e lida com a situação depois que acontece”. (Cf. MARIUTTI, Mariana Gondim. Associações do abortamento com depressão, autoestima e resiliência. 2010. 121f. Tese [Doutorado Enfermagem Psiquiátrica] - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010, p. 27-28). Assim, deve-se considerar que a prevenção do aborto é fundamental, isso deveria ser considerado antes de se pensar em legalizar o aborto, pois nesse caso um problema geraria outro. Talvez uma forma seria realizar palestras acerca do aborto, falando das consequências físicas, psíquicas e espirituais.

<sup>16</sup> GEISLER, 2010, p. 156.

<sup>17</sup> GEISLER, 2010, p. 156.

<sup>18</sup> Um exemplo é a anencefalia, que é um tema muito polêmico. A anencefalia “pode ser também compreendida como a ausência completa ou parcial e variável de partes do cérebro, mas partes do encéfalo sempre estão presentes. Ocorre normalmente entre o 16º e o 26º dia de gestação. Com os instrumentos modernos de ultrassom, a malformação é de fácil diagnóstico”. Em relação a esse tema, a menina Marcela de Jesus Ferreira, foi diagnosticada no útero da mãe como anencéfala (2006). Os médicos falaram para a mãe que ela morreria logo após o nascimento, porém sobreviveu em torno de dois anos. (Cf. TRASFERETTI, José Antônio. Teologia moral, bioética e cultura da morte: desafios para a Pastoral. In: Revista Pistis e Práxis. Teologia Pastoral. Curitiba, v. 5, n. 1, jan.-jun./2013, p. 158-159). A autora desta pesquisa acredita que também em casos como esses Deus é o dono da vida, é Ele que concede a vida e a pode tirar. Por isso, antes mesmo de abortar, o melhor seria deixar a criança anencéfala nascer e se morrer logo depois do nascimento, estará nas mãos de Deus. Com o aborto a mãe poderia sofrer sequelas físicas, emocionais e espirituais, assim deixá-la nascer seria uma proteção até para a própria mãe. Já em casos extremos como o caso da gravidez ectópica, a autora desta pesquisa acredita que o aborto é necessário, pois nesta situação o óvulo fecundado se desenvolve na trompa de Falópio, fora do útero. Assim, o feto não tem como sobreviver, e a mulher corre risco de vida, podendo a trompa se romper e causar hemorragia. Cf. BARTILOTTI, Márcia Mirra Barone. Aborto. In: Camon- Valdemar A. Angerami (Orgs.). A ética na saúde, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p.104-105.

<sup>19</sup> GEISLER, 2010, p. 157.

<sup>20</sup> Entende-se que no caso de uma mulher sofrer abusos sexuais e engravidar, a situação é assaz delicada. Nessa situação a mulher tem a opção de ficar com a criança, dar a criança para a adoção ou de abortar. Deve-se considerar que a natureza do ser humano é pecadora, o estupro é um pecado, e o aborto também, caso a mãe pense em abortar, pensa-se que o mal menor seja dar a criança para adoção. Caso a mulher aborte, ela também poderá sofrer com a síndromes pós-aborto. Segundo Langberg e Clinton, é um mito acreditar que não há problemas abortar em casos de estupro ou incesto. Cf. LANGBERG, Diane; CLINTON, Tim. Guia prático para o aconselhamento de mulheres: 40 tópicos, insights espirituais e etapas de ação fáceis de usar. Tradução Josiane Zanon Moreschi. Curitiba: Esperança, 2012, p. 21.

humano, “seria um dogmatismo tolo decidir a favor de o feto ser uma pessoa”.<sup>21</sup> 11. Da mesma forma como não se pode obrigar uma pessoa a ter relações sexuais com outra, não se pode obrigar uma mulher a consentir com a gravidez. Esse caso está relacionado ao direito à autonomia e o consentimento à relação sexual.<sup>22</sup> 12. Conforme a emenda constitucional 14, cada pessoa possui o direito à privacidade e à liberdade. Assim Geisler cita Justice Blackmun: “[...] que aprovar leis banindo o aborto é infligir o direito do indivíduo à privacidade e à liberdade. [...], que os nascituros não são considerados pessoas de acordo com a emenda constitucional 14”.<sup>23</sup> 13. Uma pessoa se torna ser humano quando a sociedade o determina como indivíduo. 14. Mesmo que o nascituro tenha natureza humana, não é possível considerar que ele tenha direito à vida, pois este precisa estar engajado, exercer funções que determinam valores na sociedade.<sup>24</sup>

Como se pode observar, vários dos argumentos pró-abortistas estão relacionados a questão de o nascituro ser um ser humano ou não, bem como, ao direito de privacidade da mulher. Coloca-se o direito da mulher contra o direito do nascituro. Diante desse argumentos, entra-se em outro dilema, o direito à vida e o da dignidade humana. Por isso é tão importante a definição de o nascituro ser uma pessoa ou não, para saber se ele tem dignidade e direito à vida ou não. O problema é que não há consenso de quando começa a vida do ser humano. Como já visto, os argumentos de pró-abortistas comportam várias posições: que a vida começa apenas na implantação do embrião no útero materno ou somente na formação do cérebro ou após o nascimento ou quando a sociedade o determina como ser humano, entre outras afirmações. Já os que são contra o aborto, afirmam que a vida do ser humano começa na concepção, na fecundação do óvulo com o espermatozoide. Com base nos argumentos conflitantes citados anteriormente, pergunta-se: quem pode determinar se o nascituro é um ser humano ou não? Deus, os seres humanos, a Justiça, as leis que regem um país?

Outro dilema é que muitos pró-abortistas defendem que a mulher tem o direito de abortar, porque é seu corpo e que ela tem o direito à privacidade. Entrementes pouco se fala das consequências que o aborto intencional traz para a vida da mulher, como, por exemplo, a síndrome pós-aborto. Nesse sentido a mulher deveria ter o direito de saber sobre as consequências do pós-aborto intencional antes mesmo de abortar. Assim, pergunta-se: Por que não se discute acerca da síndrome pós-aborto, uma vez que o direito da mulher é levado em alta consideração? Acerca da síndrome pós-aborto será discutido nos capítulos dois e três da presente pesquisa. Sobre as perguntas: ‘quem determina se o nascituro é um ser humano ou não’ e ‘se ele tem direito ou não’, será discutido no próximo subcapítulo.

## 1.2 QUEM DETERMINA SE O NASCITURO É SER HUMANO?

O artigo de Mezzomo<sup>25</sup> relata acerca dos conceitos da dignidade e direitos da pessoa, os quais são bastante discutidos no decorrer da história. Se o nascituro é considerado um ser humano, ele possui a garantia dos direitos humanos e da dignidade. O ser humano sempre foi objeto de estudo em várias áreas do saber, há uma busca por conhecer a si mesmo e as pessoas da sociedade em geral. Pensadores de diferentes países escrevem acerca dele e cada pensador é influenciado por sua cultura, cosmovisão, valores, tradições. Por essa “diversidade de pensamentos” existem conceitos muito distintos acerca do homem, mas até hoje não se conseguiu desvendar o mistério do ser humano.<sup>26</sup>

De acordo com Mezzomo os recursos acerca do transcendente, da teologia e da metafísica auxiliaram na descoberta de que o ser humano não pode ser explicado, mas que ele possui valor, que ele é livre e deve ser responsável pelos seus atos. Deus é o seu Criador e nEle está a sua origem e

<sup>21</sup> GEISLER, 2010, p. 157.

<sup>22</sup> GEISLER, 2010, p. 157.

<sup>23</sup> GEISLER, 2010, p. 157.

<sup>24</sup> GEISLER, 2010, p. 157.

<sup>25</sup> MEZZOMO, Augusto A. Dignidade e direitos da pessoa humana- pesquisa da visão antropológica e teológica no pensamento dos sábios ao longo da história. In: Revista Biethikos. Centro Universitário São Camilo, v.5, n.2, fev. – mar./2011, p. 193-194.

<sup>26</sup> MEZZOMO, 2011, p. 194-195.

destino. Em Deus ele pode encontrar sentido para a sua vida e é destinado a sobreviver além da matéria, tempo e espaço. O autor enfatiza ainda que o ser humano possui dignidade e que no decorrer da história este tema sempre foi, bem como, é muito polêmico. Entretanto, quer seja no âmbito religioso ou secular, há uma concordância de que o ser humano é digno. E as perguntas relacionadas à dignidade: “em que consiste; no que se fundamenta; quem a define; quem a assegura; a partir de quando e até quando na vida; sob quais condições; quais são seus limites; pode ser perdida; pode ser tirada”.<sup>27</sup> Essas perguntas são as mesmas que são feitas ao direito humano. Dessa forma, Mezzomo argumenta que o ser humano é digno e que esta dignidade gera direitos.<sup>28</sup> Mezzomo relata o que diversos filósofos e pensadores escreveram acerca do ser humano. Conclui que o tema é complexo e que não é possível escrever uma enciclopédia sobre o ser humano, pois ele permanece no mistério.<sup>29</sup>

De que forma o escrito de Mezzomo está relacionado à pergunta: quem pode determinar se o nascituro é um ser humano ou não? Considerando o que o autor escreveu, também a dificuldade da medicina e das ciências biológicas de se estabelecer quando começa a vida,<sup>30</sup> pensa-se que há uma grande fragilidade em deixar os seres humanos determinar a humanidade de um outro ser humano, ou seja, se o nascituro é um ser humano ou não. Isso não reflete que o ser humano não possua sabedoria ou inteligência. “Como ser moral, o homem sabe não só como as coisas são, mas como elas deveriam ser”.<sup>31</sup> Esse conceito pode ser chamado de ética utilitarista. De acordo com Wiese, a ética utilitarista tem seu ponto de partida na natureza humana, “defende ou pressupõe que o ser humano instintivamente ‘age correto’”.<sup>32</sup> Um animal age instintivamente, o ser humano também possui instintos (autodefesa, automanutenção, instintos sexuais), contudo, ele é “instintivamente pobre”,<sup>33</sup> porque ele também possui inteligência e tem liberdade de decisão. “Liberdade de decisão e também liberdade de ação implica responsabilidade [...]”,<sup>34</sup> mas ele pode ir contra a sua própria sabedoria, inteligência e consciência. Pode decidir entre o certo e o errado. Ele pode pensar no bem individual (na sua felicidade: eudemonismo; seu prazer: hedonismo) ou no bem social ou na felicidade para muitas pessoas.<sup>35</sup> Por isso, deve-se considerar que a natureza do ser humano é má, egoísta e limitada. Nem sempre a decisão que o ser humano toma é certa. E além disso, cada ser humano é influenciado pelo meio em que vive, por sua cultura. Cada pessoa pode ter um conceito diferente acerca da vida humana ou sobre quando ela começa, todavia, não significa que um ser humano terá vida somente quando o outro a determinar. Alguns podem dizer que uma pessoa só tem vida a partir do nascimento, porém, não representa que a vida começa apenas neste momento.

Como não há um consenso de quando começa a vida, opta-se pela decisão de que a vida do ser humano inicia na concepção. Nesse sentido a biologia pode ser uma auxiliar à teologia, pois “biologicamente, é inegável que a formação de um novo ser, com um novo código genético, começa no momento da união do óvulo com o espermatozoide [...]”.<sup>36</sup> Também o argumento do Papa Pio 9º expressa bem essa ideia:

Como cientistas e teólogos não conseguiam concordar sobre o momento exato do início da vida, Pio 9º decidiu que o correto seria não correr riscos e proteger o ser humano a partir da hipótese mais precoce, ou seja, a da concepção na união do óvulo com o espermatozoide.<sup>37</sup>

<sup>27</sup> MEZZOMO, 2011, p. 195.

<sup>28</sup> MEZZOMO, 2011, p. 195.

<sup>29</sup> MEZZOMO, 2011, p. 198.

<sup>30</sup> BARTILOTTI, 2002, p.103.

<sup>31</sup> REIFLER, Hans Ulrich. **A ética dos dez mandamentos**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p.18.

<sup>32</sup> WIESE, Werner. **Ética Fundamental: critérios para crer e agir**. São Bento do Sul: União Cristã: FLT, 2008. p.35.

<sup>33</sup> WIESE, 2008, p. 35-36.

<sup>34</sup> WIESE, 2008, p. 36.

<sup>35</sup> WIESE, 2008, p. 35-39.

<sup>36</sup> **Quando a vida começa?** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/vida-o-primeiro-instante/>> Acesso em: 31 ago 2017.

<sup>37</sup> Ibid.

Considerando o argumento de pró-abortistas de não saber quando a vida começa e que seria um dogmatismo tolo não favorecer o aborto, pergunta-se justamente o contrário: não seria um dogmatismo “burro” favorecer o aborto sem saber quando a vida inicia? Pensa-se que a vida do ser humano deve ser considerada como prioridade. Como não se sabe quando a vida começa é justo considerar a hipótese mais precoce, em proteção a ela.

Mesmo que o ser humano sempre foi objeto de estudo, ele permanece no mistério.<sup>38</sup> O que isto significa para a questão do aborto? Significa que “a partir da confissão de fé no Deus triúno, partimos do pressuposto de que a vida é digna em si mesma e que a sua dignidade não é conferida pela utilidade e pelo funcionamento do ser humano”.<sup>39</sup> Assim, deve-se considerar que Deus criou o ser humano e lhe concedeu dignidade.<sup>40</sup> A dignidade que cada pessoa possui, incluindo o nascituro, não se mede apenas com os critérios humanos, pois estes divergem entre si não podendo ser parâmetro a si próprio.

### 1.3 DIGNIDADE DO NASCITURO NUMA PERSPECTIVA BÍBLICA ENVOLVENDO O DIREITO HUMANO

Strieder<sup>41</sup> relata acerca da dignidade humana e fala da influência da Bíblia nos direitos humanos. Ele afirma que a Bíblia não cita diretamente os direitos humanos, mas pelo fato de todas as pessoas serem criadas a imagem e semelhança de Deus, há o direito divino. De acordo com o autor, a origem dos direitos humanos se dá com a Declaração do Homem publicada no final da Revolução Francesa, e com um documento anterior a este e bem semelhante, que causou a Independência dos Estados Unidos da América. Na declaração francesa, não é citado diretamente o Deus cristão, mas fala do Ser Supremo e se preza pela igualdade. Já na declaração dos EUA é falado diretamente de Deus Criador que concede a todos os mesmos direitos e igualdade.<sup>42</sup> O que isso significa para o nascituro? Significa que assim como todos os seres humanos possuem direito à vida, à dignidade e à igualdade, os nascituros desfrutam dos mesmos direitos. E pelo fato de que cada ser humano ter igualdade de direitos, incluindo o nascituro, ele tem o direito à privacidade assim como a mulher que o carrega em seu ventre. Ele tem o direito de não ser invadido com nenhum instrumento que irá sugar, perfurar, envenenar (seja através de remédios ou sal), despedaçar ou prejudicá-lo de qualquer outra forma.<sup>43</sup> O ventre materno é o habitat do nascituro, ali é o local onde se desenvolve a vida do ser humano, e o espaço não deve ser invadido para prejudicá-lo.

Como Strieder<sup>44</sup> escreve, o próprio Deus se ocupou em defender os direitos humanos, ao criar o ser humano a Sua imagem e semelhança. Ele delega a tarefa ao ser humano de cuidar da sua criação (Gênesis 1.27-28),<sup>45</sup> o que inclui o cuidado para com o próximo. Deus também concede leis aos homens, estas que tem a função de proteger a vida. No Antigo Testamento Deus dá algumas leis para defender quem não tinha ninguém que os defendesse, como os pobres, as viúvas e os órfãos (Deuteronômio 22, 13). Dessa forma, Strieder argumenta que a Bíblia não fala diretamente dos direitos humanos, porém, pelo fato de Deus criar tudo e sua criação estar relacionada com Ele, “Deus também

<sup>38</sup> Apesar das grandes descobertas da psicologia, antropologia e outras áreas que estudam acerca do homem, até hoje não foi possível descobrir tudo o que ser humano é, ele permanece no mistério.

<sup>39</sup> WESTPHAL, 2009, p.11.

<sup>40</sup> Neste trabalho é considerado pressuposto que o ser humano é criado por Deus à sua imagem e semelhança e considera-se que isso é algo antropológico, acompanha a cada um. Até mesmo os que não creem em Deus, como Mezzomo relata, possuem praticamente uma unidade de pensamento, de que o ser humano possui dignidade. (Cf. MEZZOMO, 2011, p. 195) Esse consenso, de que todo ser humano tem dignidade é um critério também aos direitos humanos, é algo ético. A autora acredita que por isso muitos pró-abortistas não consideram o nascituro como um ser humano, para que o aborto possa ser “justificado”, pois todo ser humano tem direito a vida e possui dignidade.

<sup>41</sup> STRIEDER, Inácio. A Bíblia e a fundamentação ético-teológica dos direitos humanos. In: Symposium de Filosofia. Recife - Universidade Católica de Pernambuco, v.1, n.1, jul.-dez./1998, p. 11.

<sup>42</sup> STRIEDER, 1998, p. 12.

<sup>43</sup> ARAUJO FILHO, Caio Fábio de. Abrindo o jogo sobre o aborto. Belo Horizonte: Betânia, 1985, p. 22-23.

<sup>44</sup> STRIEDER, 1998, p. 14-15.

<sup>45</sup> Todas as citações bíblicas desta pesquisa foram retiradas da: BÍBLIA do pregador. Português. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. Curitiba: Esperança; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.



está diretamente ligado a tudo o que se denomina ‘Direito’<sup>46</sup>, isso o autor chama de direito divino. Diante desse argumento, de que o próprio Deus se ocupa em defender quem não tem quem os defenda, o que inclui os nascituros, Ele também deu a lei: “não matarás” (Êxodo 20.13; Deuteronômio 5.17). Essa lei foi dada para proteger a vida. Segundo Lutero, Deus ao estabelecer o quinto mandamento “quer proteger, libertar, levar a paz a todos, guardando da maldade e violência de todos, estabelecendo esse mandamento como muralha, fortaleza e guarida em torno do próximo, para que ninguém lhe cause sofrimento ou dano físico”.<sup>47</sup> Deus concedeu este mandamento justamente porque Ele sabe que a natureza do ser humano é má. Na falta do cumprimento do quinto mandamento tem-se realizado horrores com os nascituros.

Grandes horrores ocorrem como relata Westphal. Um grande problema é a pesquisa realizada com embriões e pré-embriões. Em Clínicas de fertilização os pré-embriões, quando não utilizados para inseminação artificial, ficam congelados por três anos, depois são descartados.<sup>48</sup> Também: “as intervenções nos seres mais frágeis podem produzir seres humanos sob encomenda”.<sup>49</sup> Segundo o autor, através da engenharia genética é possível corrigir falhas do DNA, como doenças. Com a reprogramação do código genético pode-se produzir medicamentos, vacinas. Pergunta-se: é eticamente correto usar de células-tronco para curar doenças? Por trás de tudo isso está o lucro e a busca pela imortalidade,<sup>50</sup> bem como a utilização dos embriões para o comércio, para se produzir cosméticos e até mesmo realçar sabores de alimentos.<sup>51</sup>

De acordo com Westphal a dignidade do ser humano é uma confissão de fé e ele não deve ser tratado como objeto, pois:

Deus é o criador da vida e em Jesus Cristo tal forma de vida foi amada por Deus. ‘Deus amou o universo de tal maneira que deu o seu filho unigênito’ (João 3.16). A fé enxerga a realidade a partir de Deus como doador da vida. O testemunho da Escritura resgata o respeito profundo diante da vida, que não é propriedade privada. Ela é concessão. Ela é doação de Deus para que possamos dar sentido à nossa existência. Portanto, a vida tem seu mistério, porque não é uma coisa, um objeto que pudesse ser manipulada, vendida ou comprada. Ela não é um produto de consumo nem de descarte.<sup>52</sup>

O pensamento de Westphal vai de encontro com o de Brakemeier:

A raiz da desgraça reside na perversão da fé das pessoas. O ser humano que não crê devidamente. Opõe-se a Deus e o excomunga. Tenta usurpar o seu lugar. Resultam daí a perversão da conduta, o vácuo da ética na sociedade, as loucuras e as injustiças neste mundo (cf. Romanos 1.18s).<sup>53</sup>

Assim, impedir que o nascituro se desenvolva interrompendo uma gravidez de forma voluntária, é usurpar o lugar de Deus, pois é Deus quem decide sobre a vida e a morte. “O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela” (1 Samuel 2.6). Tratar o nascituro como um objeto, matá-lo, como se fosse um item que pode ser jogado fora para satisfazer os próprios prazeres

<sup>46</sup> STRIEDER, 1998, p. 15.

<sup>47</sup> LUTERO, Martinho. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero. Tradução Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal: Porto Alegre: Concórdia, 2012, p. 54.

<sup>48</sup> WESTPHAL, 2009, p. 20.

<sup>49</sup> Como no caso de duas lésbicas surdas que encomendaram um filho como elas, surdo. Cf. WESTPHAL, 2009, p. 21.

<sup>50</sup> WESTPHAL, 2009, p. 21-22.

<sup>51</sup> Uma corporação associada a Senomyx, uma companhia de biotecnologia que produz sabores artificiais, estava utilizando células de bebês abortados para realçar sabores de alimentos. Diante disso, uma organização pró-vida “Children of God for Life”, escreveu uma carta dirigida a Senomyx, relatando a falta de ética e de escolhas morais ao usar como teste fetos para realçar alimentos. A carta foi ignorada. “Os gigantes da indústria alimentícia como Pepsico, Kraft Foods, Campbell Soup, Solae e Nestle são os principais alvos do boicote, embora Senomyx conta com outros parceiros internacionais em seu site”. Assim, Sra. Vinnedge, em abril de 2012, expôs a realidade do problema aos consumidores destes alimentos. Os cidadãos furiosos começaram a expressar sua indignação por meio de cartas às empresas parceiras: Campbell Soup e Pepsico. Contudo, Campbell disse que não iria mudar seus métodos. Mesmo assim, Vinnedge sentiu esperanças: “Se pessoas suficientes expressarem sua indignação e sua intenção de boicotar esses produtos de consumo, a Senomyx pode ser forçada a mudar seus métodos”. List of companies using fetal cells from aborted babies to flavor. Disponível em: <<http://www.healthclinicweb.com/2016/02/11/list-of-companies-using-fetal-cells-from-aborted-babies-to-flavor-known-to-share/>>. Acesso em: 23 set. 2017. (Tradução nossa).

<sup>52</sup> WESTPHAL, 2009, p. 26.

<sup>53</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 2002, p. 70.

ou felicidade, para não incomodar os pais ou outros ou com o objetivo de lucro ou na busca pela imortalidade, é ferir o quinto mandamento (Êxodo 20.13). Na perspectiva teológica é definido como pecado. Dessa forma, o aborto intencional é uma injustiça que se dá devido ao pecado, quando a pessoa se afasta de Deus, uma vez que a pessoa tenta tomar o lugar de Deus para si, decidindo quando o feto ou embrião deve morrer. E o pecado quando não confessado, gera culpa. Assim como diz no Salmo 32.3: “Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todos os dias”. Na ótica teológica o pecado traz consequências negativas para a vida, assim como está escrito em Romanos 6.23: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor”. Por fim, o aborto voluntário gera a síndrome pós-aborto, que será abordada no próximo capítulo.

## 2. ALGUMAS SÍNDROMES DECORRENTES DO ABORTO VOLUNTÁRIO

*“O aborto destrói o novo ser formado dentro do ventre da mãe e deixa um profundo vazio na vida da mulher (...).”<sup>54</sup>*

Muitas vezes o aborto voluntário é apresentado por pró-abortistas como solução para uma gravidez indesejada. Porém, pouco se fala acerca das consequências que ele provoca para a família, especialmente para a mulher. Já os que não defendem o aborto intencional, falam muito da dignidade do nascituro, o que é bom. Entretanto, as pessoas contra o aborto se esquecem de ter um cuidado cristão para com a mulher, ouvindo-a sobre a intenção de abortar ou quando já foi cometido. Por isso é importante considerar a dignidade tanto do nascituro quanto da mulher.

Segundo Silva Junior,<sup>55</sup> dentre as mulheres que sofreram complicações decorrentes do aborto, mais de 90% alegaram que não tiveram informações suficientes para optar por uma decisão consciente. Mais de 80% afirmaram que não teriam realizado o aborto caso não tivessem sido influenciadas por terceiros, o que inclui conselheiros do aborto. Ainda 83% das mulheres afirmaram que se tivessem tido o apoio do namorado, dos familiares ou de alguém importante em suas vidas, teriam prosseguido com a gestação até o nascimento da criança. Algumas mulheres tomam a decisão de abortar sob pressão, devido ao medo e stress. Como a gravidez é vista como um problema, o seu instinto de autopreservação fala mais alto. Desacreditada de que alguém lhe possa ajudar, principalmente alguém que a ama, a mulher, normalmente, toma a decisão de forma imediata sem consultar outras pessoas. “É frequente que haja pouca ou nenhuma discussão sobre as alternativas, tempo insuficiente de orientação, pressão para abortar logo e informações insuficientes e imprecisas sobre os riscos físicos e psicológicos que envolvem o aborto”.<sup>56</sup> Com esses dados, pode-se perceber que um dos principais fatores para a prevenção do aborto é a informação, bem como, o apoio de pessoas significativas. É preciso estar ao lado da mulher, escutando-a, dando-lhe ânimo para continuar com a gestação até o nascimento da criança. Caso essa prevenção não ocorra e a mulher venha a abortar, ela pode sofrer com a síndrome pós-aborto.

O que é a síndrome pós-aborto (SPA)? Este é o nome clínico para a assim chamada perturbação emocional e psicológica sentida por mulheres que abortaram intencionalmente. Recentemente a SPA foi identificada com a perturbação pós stress traumático (PPST) relatadas pelos participantes da Guerra do Vietnã e em Portugal identificaram-na com a Guerra Colonial.<sup>57</sup> Conforme Vilaça, um evento traumático transforma os sentimentos de confiança e segurança. Isso gera reações estranhas e sem sentido, porque são acontecimentos inimagináveis. Porém, por mais que pareçam estranhas, são reações normais e esperadas a fatos anormais. Quem sofre com PPST, passou por eventos de morte, ferimentos graves ou ameaças: de morte à sua integridade física ou do seu próximo. A reação do sujeito envolve medo intenso, insegurança (por sentir-se desamparado), horror (sensação de estar “num beco sem saída”, numa armadilha, traído ou de perda de controle). Em geral os sintomas da SPA são os mesmos da PPST, porém com características que envolvem o aborto.<sup>58</sup>

Os sintomas que melhor caracterizam a Síndrome Pós Aborto são a negação e a supressão. Trata-se de mecanismos de defesa que geralmente cumprem a sua função de proteger a pessoa de emoções intoleráveis durante alguns anos. Mais cedo ou mais

<sup>54</sup> CORPORACIÓN PROYECTO ESPERANZA (Org.) Señor... ¿dónde está mi hijo? Las otras víctimas del aborto. Obispado de San Bernardo (Ed.) Verónica Griffin Barros: Chile, 2007.p. 13. (Tradução nossa).

<sup>55</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Carlos Rosa. Aborto: causas, consequências e alternativas. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/18658/aborto-causas-consequencias-e-alternativas>>. Acesso em: 05 set. 2017.

<sup>56</sup> PROJETO RAQUEL. Ministério do Projeto Raquel: um manual de consulta pós-aborto para Padres e Líderes do Projeto Raquel Comissão para o Clero, Vida Consagrada e Vocações. Comissão para Atividades Pró-Vida, Conferência Norte Americana de Bispo Católicos. Revisado pelo Cardeal Seán O'Malley e Cardeal Justin Rigali, 2009, p. 6.

<sup>57</sup> VILAÇA, Maria José. Síndrome Pós Aborto. Alameda digital: actualidades, ideias e culturas. Dezembro de 2006, p. 1.

<sup>58</sup> VILAÇA, 2006, p. 1.

tarde muitas pessoas não conseguem continuar a lidar com a situação e tornam-se cada vez mais emocionalmente perturbadas.<sup>59</sup>

Como se vê, por se tratar de algo sério a SPA deveria ser altamente considerada, principalmente pelas clínicas de aborto. Porém, conforme Mazzara,<sup>60</sup> em primeira instância há um certo desinteresse em relatar as sequelas psicológicas que o aborto intencional pode causar, principalmente por parte das clínicas que analisam esse tema. O autor relata que o aborto não está incluso na classificação dos níveis de stress nos mais diversos acontecimentos da vida, mas citam situações de menor importância comparado ao aborto intencional, como o stress no trânsito ou de mudança domiciliar.<sup>61</sup> Por outro lado há outra alternativa de classificar o aborto intencional:

Em relação a segunda alternativa, quer dizer, a possibilidade de classificar o aborto induzido como um evento traumático e, portanto, capaz de gerar um transtorno por stress agudo ou um transtorno de stress pós-traumático. Chama a atenção que os autores não citem isso.<sup>62</sup>

Para Mazzara, o trauma causado do aborto intencional já não é muito mencionado, menos ainda quando a pessoa corre risco de vida ou ameaça à sua integridade e a dos demais.<sup>63</sup> Por outro lado, quando as consequências pós-aborto são mencionadas, vê-se a gravidade do assunto, pois pode ocasionar um transtorno de stress agudo. Franz<sup>64</sup> também concorda de que não se busca informar acerca das síndromes pós-aborto. Relata que os que aconselham a efetuar o aborto, defendem que não há consequências psicológicas. Porém, esses conselheiros relacionados à clínicas de aborto, normalmente não possuem condições de avaliar as consequências do pós-aborto, pois a mulher normalmente pede auxílio em outro lugar. E também porque, como aponta um estudo sistemático, comumente as reações perigosas do aborto intencional surgem mais tarde. Assim, torna-se difícil avaliar o problema.

Segundo Vilaça, a síndrome pós-aborto pode aparecer logo após o aborto ou até 40 anos mais tarde. Não há uma regra de quando surgem os sintomas, para cada mulher pode ser diferente, porém o mais comum são cinco anos após o aborto. Alguns dias após a amblóse, a mulher pode entrar num processo de negação, ficar emocionalmente apática ou sentir-se aliviada.<sup>65</sup> Como a mulher deseja negar essas perturbações, ela não os reconhece de imediato, mas normalmente atribui os sintomas a outra origem. O reconhecimento da associação com o aborto muitas vezes é atrasada ou negada.<sup>66</sup> Franz acredita que existem várias categorias de reações, algumas mulheres respondem com o trauma mais intenso, enquanto outras são moderadas e por último as que sofrem posteriormente. Quanto mais a mulher ignora ou rejeita as consequências do aborto voluntário, maior o sofrimento e a dificuldade de superar essa experiência.<sup>67</sup>

De acordo com os clínicos, quando as mulheres que abortaram rejeitam ou reprimem a sua experiência, os desajustamentos podem incluir grande descontrole emocional quando próximas a crianças, um medo irrealístico a médicos, uma incapacidade de tolerar um exame ginecológico rotineiro, ouvir o som de um aspirador de pó ou serem sexualmente estimuladas, etc.<sup>68</sup>

<sup>59</sup> VILAÇA, 2006, p. 1.

<sup>60</sup> O Dr. Pablo Verdier Mazzara é Médico-Psiquiatra, estudou na Escuela de Psicología, Pontificia Universidad Católica de Chile. Cf. MAZZARA, Pablo Verdier. Señor... ¿dónde está mi hijo? Las otras víctimas del aborto. Corporación proyecto esperanza (Org.). Obispado de San Bernardo (Ed.) Verónica Griffin Barros: Chile, 2007.

<sup>61</sup> MAZZARA, 2007, p. 91.

<sup>62</sup> Citação literal do autor: En relación a la segunda alternativa, es decir, a la posibilidad de clasificar al aborto provocado como un acontecimientos traumático y, por tanto, capaz de generar un Trastorno por Stress Agudo o un Trastorno por Stress Post Traumático, llama la atención que los autores tampoco lo citen. Cf. MAZZARA, 2007, p. 91. (Tradução nossa).

<sup>63</sup> MAZZARA, 2007, p. 91.

<sup>64</sup> FRANZ, Wanda. Que é a síndrome pós-aborto? Disponível em: <<http://aborto.aaldeia.net/sindrome-pos-aborto/>>. Acesso em: 11 set. 2017.

<sup>65</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 7.

<sup>66</sup> VILAÇA, 2006, p. 2.

<sup>67</sup> FRANZ, Wanda. Que é a síndrome pós-aborto? Disponível em: <<http://aborto.aaldeia.net/sindrome-pos-aborto/>>. Acesso em: 11 set. 2017.

<sup>68</sup> FRANZ, Wanda. Que é a síndrome pós-aborto? Disponível em: <<http://aborto.aaldeia.net/sindrome-pos-aborto/>>. Acesso em: 11 set. 2017.

Para Franz<sup>69</sup> todo aborto é um processo traumático, pois é um procedimento físico que causa um choque no sistema nervoso e afeta a personalidade da mulher. Já para Mazzara, “a partir das experiências clínicas, é possível afirmar que nem todas as mulheres são igualmente afetadas pelo aborto, porém uma porcentagem significativa apresenta transtornos psíquicos pós-aborto, que requer hospitalização psiquiátrica”.<sup>70</sup> O autor escreve de acordo com suas experiências clínicas, e fala que cada caso deve ser avaliado sem adotar uma postura imparcial, sem montar uma regra.<sup>71</sup> Estudos mostram que são várias as síndromes pós-aborto (SPA),<sup>72</sup> dentre elas a culpa e a depressão, bem como o luto. Estas serão relatadas nesta pesquisa.<sup>73</sup>

## 2.1 CULPA DECORRENTE DO ABORTO INTENCIONAL<sup>74</sup>

De acordo com Franz,<sup>75</sup> o aborto intencional é contrário à ordem natural das coisas, por sua vez, induz a culpa. Somente quando a mulher admite essa falta, ela pode conviver com a mesma. Há pessoas que afirmam que não é necessário admitir a transgressão,<sup>76</sup> pois sustentam a teoria de que alguém ‘colocou a culpa nela’.<sup>77</sup> Diz-se que a culpa não surge do interior da mulher, mas é forçada para seu cerne como por exemplo: por meio de adeptos dos movimentos Pró-Vida. Entretanto, mulheres que fazem parte do movimento Mulheres Vitimadas pelo Aborto (WEBA)<sup>78</sup> relataram que a culpa aumentou com a própria experiência do aborto. O problema é que atualmente “falar de pecado se tornou problemático, sinônimo de discriminação, ou até mesmo intolerância religiosa. Contudo se a Igreja deixa de falar de pecado, ela perde sua legitimação para falar da graça e da salvação de Deus sem mencionar o pecado”.<sup>79</sup>

<sup>69</sup> FRANZ, Wanda. Que é a síndrome pós-aborto? Disponível em: <<http://aborto.aaldeia.net/sindrome-pos-aborto/>>. Acesso em: 11 set. 2017.

<sup>70</sup> MAZZARA, 2007, p. 94.

<sup>71</sup> MAZZARA, 2007, p. 93.

<sup>72</sup> Como são vários os sintomas da síndrome decorrente o aborto voluntário, apenas algumas serão de forma específica neste trabalho, por uma questão de limites de páginas.

<sup>73</sup> Além das síndromes psicológicas pós-aborto, ainda existem as síndromes físicas e as consequências espirituais. Segundo Silva Junior algumas das consequências físicas do aborto são: “laceração do colo uterino (o que futuramente pode provocar abortos prematuros); esterilidade, perigo de lesão no intestino, trompas e bexiga; retirada do útero e/ou endométrio; gravidez ectópica; entrada da solução salina na corrente sanguínea da mãe, e morte materna, independentemente do método abortivo”. E ainda conforme Silva Junior, as consequências espirituais estão relacionadas à quebra do quinto mandamento “não matarás”. Como a vida pertence a Deus, somente Ele tem o direito de tirá-la. SILVA JUNIOR, Antonio Carlos Rosa. Aborto: causas, consequências e alternativas. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/18658/aborto-causas-consequencias-e-alternativas>>. Acesso em: 05 set. 2017.

<sup>74</sup> Numa perspectiva teológica, as síndromes pós-aborto estão relacionadas com as consequências espirituais. Devemos considerar que o ser humano é integral, as consequências pós-aborto físicas, psíquicas e espirituais estão interligadas. Um exemplo é a culpa, que é uma consequência espiritual devido o pecado, e afeta a psique da pessoa.

<sup>75</sup> FRANZ, Wanda. Que é a síndrome pós-aborto? Disponível em: <<http://aborto.aaldeia.net/sindrome-pos-aborto/>>. Acesso em: 11 set. 2017.

<sup>76</sup> Conforme Collins, há vários tipos de culpa, ela pode ser objetiva ou subjetiva. A culpa objetiva pode ser dividida em quatro tipos: 1. Culpa legal: refere-se a violação das leis sociais. 2. Culpa teológica: é a desobediência das leis de Deus. A Bíblia mostra que todos pecaram e carecem da glória de Deus (Romanos 3.23). É justamente a culpa teológica que muitos psiquiatras e psicólogos não admitem existir, pois para isso teriam que admitir a existência de Deus. 3. Culpa pessoal: a pessoa quebra os padrões pessoais ou não considera os apelos da consciência. 4. Culpa social: aparece quando se quebra uma regra que não está escrita, mas socialmente é considerada válida. E a culpa subjetiva é o sentimento de remorso, pesar, vergonha, autocondenação devido à algo de errado que se faz, seja por uma ação ou omissão. Existem os sentimentos de culpa apropriados, violação de uma lei, desobediência aos ensinamentos bíblicos e quebra dos ditames da consciência. Neste caso o remorso é equivalente a gravidade do ato. Já os sentimentos de culpa impróprios não correspondem à gravidade da ação. Analisando os diferentes tipos de culpa, na perspectiva teológica o aborto corresponde à culpa teológica, uma vez que a culpa surge devido ao pecado, no caso a transgressão do quinto mandamento. Cf. COLLINS, Gary R. Aconselhamento cristão: edição século 21. Tradução Lucília Marques Pereira Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 158-159.

<sup>77</sup> FRANZ, Wanda. Que é a síndrome pós-aborto? Disponível em: <<http://aborto.aaldeia.net/sindrome-pos-aborto/>>. Acesso em: 11 set. 2017.

<sup>78</sup> Na Holanda e em Portugal existe uma Associação para Mulheres Vitimadas pelo Aborto que sofreram traumas pós-aborto. Elas tem por objetivo processar o Estado porque não foram informadas sobre as consequências do aborto intencional. Cf. ESPÍNDOLA, Renata. Aspectos psicológicos decorrentes do aborto provocado em gravidez não desejada. <<http://www.correiadoestado.com.br/opiniaio/renata-espindola-aspectos-psicologicos-decorrentes-do-aborto/255476>>. Acesso em: 12 de set. 2017.

<sup>79</sup> WANKE, Roger Marcel. Por que preciso de perdão? Considerações a partir de Gênesis 3 e 4. In: Revista Orientação: Culpa-Confissão e Perdão. Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, n. 5, jan. –jun./ 2016, p. 5.

Mazzara relata que as pesquisas científicas apontam que em países com uma cultura e religião totalmente diferente do ocidente, como o Japão, observa-se também as mesmas sequelas pós-aborto: tendências depressivas de culpa e de angústia.<sup>80</sup> E ainda, como está escrito em Gênesis 3 sobre a queda do ser humano, vê-se no verso 7 que depois de Adão e Eva terem comido do fruto do conhecimento do bem e do mal eles perceberam que estavam nus, ficaram com vergonha e fizeram cintas para si. Porém, Deus ainda não havia dito para eles que estavam nus, somente no v.11. Já no capítulo anterior em Gn 2.25 está escrito: “E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam” (ARA).<sup>81</sup> Ou seja, antes mesmo de Deus lhes falar algo eles já tinham a consciência da sua culpa, sabiam que pecaram, por isso se esconderam-se do Criador.<sup>82</sup> Isso pode ser aplicado também nesse contexto do aborto voluntário, a mulher por si só terá consciência de que fez algo errado, não porque alguém lhe impôs a culpa, pois como a pesquisa mostra, as consequências do aborto são as mesmas em diferentes culturas e religiões.

Conforme Westermann, em Gênesis 3. 8-13 quando Deus pergunta para o ser humano: onde estás? A primeira reação foi o esconder-se de medo, estavam com vergonha, pois estavam nus. Negar a culpa é totalmente humano (Gênesis 3.8), para o autor.<sup>83</sup> Isso pode ser percebido também através das experiências de Mazzara.<sup>84</sup> uma mulher que abortou intencionalmente não fala abertamente sobre o mesmo numa consulta com o psiquiatra. Ela pode, entretanto, reconhecer tardiamente que sofre por causa do aborto, porém ela não prefere falar sobre o tema; ainda que perguntada sobre pelo psicoterapeuta. Assim, o fato da mulher não querer falar sobre o aborto está relacionado à culpa.

A culpa é contínua para quem sofre com a SPA, sendo acompanhada de vergonha e depressão.<sup>85</sup> Mazzara como psicoterapeuta, numa forma de ilustração, descreve o que muitas mulheres relatam em relação à culpa: “Deus está me passando a conta pelo que fiz”; ‘Excedi os limites de liberdade’; ‘Sou a pior’; ‘Sou uma arrasada’; ‘Nunca vou me perdoar’.<sup>86</sup> Diante dessas afirmações, o autor relata que se deve também considerar algumas características da psicologia feminina:

O fato de que as mulheres dificilmente esquecem; e, por outro, que sua vida afetiva gira em torno de vínculos humanos. Nesta perspectiva, o aborto é todo oposto a psique natural feminina. O aborto provocado é a negação do vínculo, a negação do afeto devido ao filho. E isso, a mulher dificilmente consegue superar.<sup>87</sup>

Como se percebe, “[...], o abortamento é uma situação de grande conflito, o qual não se faz sem deixar marcas e repercussões no equilíbrio emocional e que, com certeza, mulher nenhuma aprecia”.<sup>88</sup> A culpa pelo aborto cometido pode gerar um desejo de ter outro filho, como uma forma de desfazer o traumático aborto. Porém, dependendo do método utilizado no aborto voluntário, pode permanecer sequelas numa futura gravidez ocasionado aborto espontâneo. A tentativa de ter outro filho como substituto do outro sem sucesso, normalmente gera sentimentos de fracasso, agravando a situação.<sup>89</sup> O aborto não é a solução mais fácil para uma gravidez indesejada. Além de afetar psicologicamente a mulher, estudos mostram que o parceiro de mulheres que abortam frequentemente também apresentam algum grau de patologia mental, podendo ser neurótica ou de caráter.<sup>90</sup> Como a superação dos traumas pós-aborto não são tão simples, é bom que a mulher e os familiares conversem com quem possa ajudá-los: um pastor, um líder cristão e um psicoterapeuta (nesse caso principalmente a mulher, pois o aborto a afeta diretamente).<sup>91</sup> Como se pode ajudar mulheres que

<sup>80</sup> MAZZARA, 2007, p. 93.

<sup>81</sup> Esta abreviação significa: Almeida Revista e Atualizada.

<sup>82</sup> WESTERMANN, Claus. O livro do Gênesis: um comentário exegético – teológico. Tradução Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013, p. 41.

<sup>83</sup> WESTERMANN, 2013, p. 42. Grifo do autor.

<sup>84</sup> MAZZARA, 2007, p. 92.

<sup>85</sup> VILAÇA, 2006, p. 1.

<sup>86</sup> MAZZARA, 2007, p. 95.

<sup>87</sup> MAZZARA, 2007, p. 98.

<sup>88</sup> BARTILOTTI, 2002, p. 103.

<sup>89</sup> PROJETO RAQUEL, 2009. p. 3.

<sup>90</sup> MAZZARA, 2007, p. 94.

<sup>91</sup> Pensa-se que é importante a mulher que sofre com SPA procurar além da ajuda de um psicoterapeuta, um pastor ou conselheiro cristão que saiba lhe dar suporte para a superação dos traumas. Conforme Grzybowski, muitas pessoas vão

sofrem com SPA? Segundo Franz “a culpa pode ser então utilizada terapêuticamente para ajudá-la a aceitar o fato de que ela errou, pedir perdão e ser curada”.<sup>92</sup> Nesse sentido é importante trabalhar a questão do sentimento de culpa, não devido a um legalismo, mas porque é justamente o reconhecimento da culpa que faz parte do processo de cura. Sobre esse processo será tratado mais adiante.

## 2.2 LUTO DECORRENTE DO ABORTO INTENCIONAL

O ser humano foi criado para conviver em comunhão e o aborto intencional fere tanto na característica feminina de ser relacional, quanto na identidade maternal, a de ser co-geradora<sup>93</sup> de vida.<sup>94</sup> Ao engravidar todo o corpo da mulher se prepara para o recebimento do nascituro, o que inclui o físico, o psíquico e o espiritual. Dessa forma, pode-se dizer que o papel da mãe de proteger o filho, mesmo inconsciente, é desenvolvido antes mesmo dela saber que está grávida.<sup>95</sup> Relacionado a isso, Fogel<sup>96</sup> obstetra e psiquiatra efetuou em torno de 20.000 abortos relata:

Qualquer mulher – independentemente da sua idade, do seu passado ou da sua vida sexual – fica traumatizada por destruir a gravidez. A sua humanidade é tocada. É uma parte de si própria. Quando destrói a gravidez, ela destrói uma parte de si. Não há hipótese de isto ser inócuo. Estamos a lidar com a vida. Não interessa nada se acreditamos ou não que há vida no embrião ou no feto. Não podemos negar que algo está a ser criado e que esta criação está a acontecer fisicamente... Frequentemente o trauma pode afogar-se no inconsciente e nunca chegar a aparecer. Mas não se trata de um acontecimento tão indiferente ou inócuo como alguns querem fazer parecer. Há um preço psicológico a pagar. Pode ser a alienação, pode ser o afastamento do calor humano, talvez um endurecimento do instinto maternal. Algo acontece ao mais profundo nível da consciência da mulher, quando ela faz um aborto. Eu digo isto enquanto Psiquiatra.<sup>97</sup>

Dessa forma, percebe-se que as características femininas, tanto biológicas quanto psíquicas influenciam na SPA, também no processo do luto. E mesmo que a mulher negue dizendo que não sofre com o aborto intencional, o trauma pode ser inconsciente.

Como Käsler-Heide escreve: com a morte não se tem perspectiva de um reencontro, no aqui e agora,<sup>98</sup> isso também alimenta o sentimento de culpa e de omissão.<sup>99</sup> Não há mais oportunidade “de voltar atrás” do erro cometido, não é mais possível a comunhão com o bebê abortado no tempo chamado presente. “O luto pela perda de um filho pode ser uma das circunstâncias mais difíceis na vida”.<sup>100</sup>

---

aos consultórios de psicologia com sentimento de culpa, na busca pelo perdão. Por isto, ele considera que é importante o vínculo entre psicoterapia e o perdão. Anteriormente era mais comum as pessoas procurarem o clero, na busca de orientação e perdão de pecados. Cf. GRZYBOWSKI, Carlos Tadeu. Perdão e Psicoterapia. In: Revista Orientação: Culpa-Confissão e Perdão. Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, n. 5, jan. –jun./ 2016.p.24) Como pode-se ver, a tarefa do pastor tornou-se terceirizada. Por isso é importante o trabalho conjunto, do pastor com o psicoterapeuta, das duas áreas, da teologia e da psicologia. A psicologia vai trabalhar com o comportamento humano, mas o perdão dos pecados só pode ser concedido por Deus, e isso faz parte do estudo teológico.

Durante a pesquisa, percebeu-se que atualmente sobre Síndromes Pós-aborto infelizmente são poucos teólogos que escrevem sobre esse tema. É mais comum psicólogos/psicoterapeutas, principalmente cristãos, escreverem acerca da SPA. Dessa forma, pensa-se que é fundamental o diálogo entre as duas áreas, para que assim seja possível auxiliar melhor mulheres que sofrem com a SPA.

<sup>92</sup> FRANZ, Wanda. Que é a síndrome pós-aborto? Disponível em: <<http://aborto.aaldeia.net/sindrome-pos-aborto/>>. Acesso em: 11 set. 2017.

<sup>93</sup> Entende-se aqui que Deus é quem dá a vida, a mãe apenas participa nesse processo ao dar à luz ao filho, nesse sentido ela é co-geradora.

<sup>94</sup> VILAÇA, 2006, p. 2.

<sup>95</sup> VILAÇA, 2006, p. 2.

<sup>96</sup> FOGEL apud VILAÇA, 2006, p. 2.

<sup>97</sup> VILAÇA, 2006, p. 2. Grifo nosso.

<sup>98</sup> Pode-se ter esperança para um reencontro além da vida.

<sup>99</sup> KÄSLER-HEIDE, HELGA M. Diagnose: morte e morrer. Springer: 1999.

<sup>100</sup> LANGBERG, Diane e CLINTON, Tim. Um guia prático para aconselhamento de mulheres: 40 tópicos, insights espirituais e etapas de ação fáceis de usar. Tradução Josiane Zanon Moreschi. 1 ed. Curitiba: Esperança, 2012, p. 260.

Segundo Vilaça,<sup>101</sup> pode demorar até que a mãe sinta a perda do filho decorrente do aborto voluntário, do mesmo modo como sente com o falecimento de qualquer outro membro familiar. O luto pela perda de um filho já é difícil em si, quanto mais o é quando silenciado pela sociedade. A sociedade muitas vezes silencia essa dor: pelos meios de comunicação, por profissionais da saúde e até pelos que defendem os direitos das mulheres. A mulher nesse sentido, tem dificuldades de entender a sua tristeza “e isso é agravado pelo fato de ninguém lhe reconhecer o direito a essa dor”.<sup>102</sup> A solidão que a mãe enfrenta também agrava os sintomas de negação.<sup>103</sup> Para que haja cura, segundo estudos mostram, é preciso que ela: reconheça a sua responsabilidade na morte do filho; possa vivenciar o luto; busque e aceite perdão; perdoe a si mesma.<sup>104</sup>

Mazzara descreve algumas frases em relação ao luto de mulheres que abortaram voluntariamente, “pelo que poderia ser e nunca será”.<sup>105</sup> “Como teria sido se eu o tivesse?; ‘esse menino teria quase a idade que eu tinha’, ‘quando abraço a minha neta, abraço o filho que não tive’”.<sup>106</sup> De acordo com o autor, os relatos das pacientes mostram que não necessariamente uma gravidez indesejada será um filho indesejado. Os sintomas da SPA mostram que no íntimo a mulher desejava ter continuado com a gravidez. “A perda inclui sentimento de perda da esperança, de amor, da autoestima, de status e de funcionamento físico. [...] As flutuações de humor são resposta específicas ao stress que podem decorrer de eventos reconhecidamente importantes para todas as pessoas, ou suplemento para o indivíduo que o experiência”.<sup>107</sup> Essa perda também leva a questionar acerca da própria vida, sobre o estilo de vida que se leva, coloca em xeque a importância atribuída aos bens materiais e valores pessoais. Quando se percebe que não adianta todo conforto material ao se perder alguém com o qual se está sentimentalmente vinculado, assim como afirma Olino da Rosa.<sup>108</sup>

Há muitos casos em que a mulher não decide pelo aborto sozinha, o pai da criança pode ter pressionado, persuadido a mulher a abortar, talvez dizendo que abandoná-la-ia ou que não daria apoio para sustentar a criança, dentre outros motivos. Também pode ser que o progenitor aceitou a criança e tentou impedir o aborto ou não fez muito esforço para evitá-lo.<sup>109</sup> Os avós e outros familiares ou amigos também podem ter influenciado na decisão do aborto, talvez por ser uma adolescente grávida, tenham a forçado a abortar ou se posicionado contra a gravidez.<sup>110</sup> Independente da influência de cada um no aborto, a perda do bebê também pode ser vivenciada pelos familiares da mãe, gerando impactos no pai da criança, nos irmãos, avós, bem como amigos da mulher e até em futuros filhos e se for o caso, futuro esposo.<sup>111</sup> O posicionamento que os outros tiveram antes do aborto, também pode afetá-los, psicologicamente e espiritualmente.<sup>112</sup> Ao mesmo tempo “é importante ter consciência de que mulheres prestes a morrer podem estar carregando um grande fardo pelo envolvimento em um aborto, um fardo difícil de confrontar e de confessar”.<sup>113</sup>

Acredita-se que um dos principais motivos pelo qual o aborto intencional pode gerar tantos problemas psicológicos, é o fato de que não há possibilidade de trazer o bebê de volta à vida com as próprias mãos. Isso pode causar baixa autoestima, depressão, angústia entre tantos outros sintomas da síndrome pós-aborto. Por isso, a mulher que abortou intencionalmente não deve ser ignorada, mas

<sup>101</sup> VILAÇA, 2006, p. 1-2.

<sup>102</sup> VILAÇA, 2006, p. 2.

<sup>103</sup> VILAÇA, 2006, p. 2.

<sup>104</sup> VILAÇA, 2006, p. 1.

<sup>105</sup> MAZZARA, 2007, p. 96.

<sup>106</sup> MAZZARA, 2007, p. 96.

<sup>107</sup> MARIUTTI, Mariana Gondim. Associações do abortamento com depressão, autoestima e resiliência. 2010. 121f. Tese (Doutorado Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010, p. 27-28.

<sup>108</sup> OLINO da ROSA, Rubem. Amadurecendo com o luto. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p.14.

<sup>109</sup> PROJETO RAQUEL, 2009. p. 27- 29.

<sup>110</sup> PROJETO RAQUEL 2009. p. 39.

<sup>111</sup> PROJETO RAQUEL. 2009. p. 3.

<sup>112</sup> Para saber mais sobre as consequências do pós-aborto para o pai da criança, os familiares ou amigos envolvidos no aborto, consulte: Comissão para o Clero, Vida Consagrada e Vocações. Comissão para Atividades Pró-Vida, Conferência Norte Americana de Bispo Católicos. Revisado pelo Cardeal Seán O'Malley e Cardeal Justin Rigali. Ministério do Projeto Raquel: um manual de consulta pós-aborto para Padres e Líderes do Projeto Raquel. 2009. p. 27-42.

<sup>113</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 3.



deve ser vista com um olhar pastoral. É preciso que ela entenda que há Alguém superior a todos os seres humanos e que Ele tem a oportunidade de perdão. Deus pode ressuscitar alguém.<sup>114</sup> Sobre essa perspectiva, será relatado mais adiante.

### 2.3 DEPRESSÃO DECORRENTE DO ABORTO INTENCIONAL

A depressão pode ser definida como “queda ou redução da função mental”<sup>115</sup> “um sério transtorno psiquiátrico”.<sup>116</sup> Ela pode se manifestar como tempos de tristeza, depois de uma decepção pessoal. Seus sinais são acompanhados normalmente de pessimismo e desesperança, falta de energia física, baixa-autoestima, sentimento de culpa, inutilidade, vergonha, inércia (o que dificulta a decisão de “tomar o primeiro passo”), insônia, perda da espontaneidade<sup>117</sup> e da autoconfiança, pensamentos de indignidade, entre outros sintomas.<sup>118</sup> “Se um indivíduo sofre depressão, sua capacidade física e mental fica consideravelmente comprometida. É uma doença que causa incapacitações”.<sup>119</sup>

De acordo com Vilaça,<sup>120</sup> os sintomas da SPA são: culpa, depressão, baixa autoestima, insônia, tristeza, desprezo, sonhos ou pesadelos, reações na data do aborto, revivências de alguns momentos da decisão de abortar ou do aborto. Ou seja, a depressão é um sintoma comum da SPA. Mariutti apresenta uma estatística da América do Norte, na qual aparecem os sintomas da SPA:

As estatísticas colhidas na América do Norte revelam que 55% das mulheres que haviam passado por aborto informaram ter pesadelos e sentimentos de preocupação (relacionados ao bebê, ao corpo e à VIDA), 73% descrevem situações de voltar a revivê-lo, 58% das mulheres informam pensamentos suicidas que elas relacionam a esta situação, 68% revelam que se sentem mal consigo mesmas [...] 79% informam culpa, incapacidade de perdoar a si mesmas, 63% têm medo com respeito a suas futuras gestações e a maternidade, 49% relatam problemas ao estarem próximas de bebês e 67% se descrevem como ‘emocionalmente afetadas’.<sup>121</sup>

Como se pode ver, alguns sintomas da SPA são comuns aos de uma depressão (que não necessariamente tenha origem de um aborto intencional), justamente porque um dos sintomas da SPA é a depressão. A depressão também pode estar associada ao stress pós-traumático e, como visto anteriormente, a síndromes pós-aborto possui os mesmos sintomas que a perturbação pós stress traumático.<sup>122</sup> Outro sintoma associado a depressão é a culpa, no caso do aborto intencional acredita-se que a mulher se sente culpada por ter tirado a vida do seu bebê. Diante dessas situações, a mulher tende/pode vir a ter pensamentos suicidas, torna-se instável em um relacionamento e, em alguns casos, pode começar a fazer uso de substâncias psicoativas<sup>123</sup>.

Segundo Mariutti, como a separação e a perda são eventos considerados indesejados, há muitos casos de depressão relacionados à morte de alguém. A perda de alguém e as doenças psíquicas estão mais interligadas do que se imagina.<sup>124</sup> Nesse caso deve-se considerar que o aborto significa a perda de alguém, mesmo que a mãe não tenha chegado a ver o rosto do bebê. O fato de se desenvolver em seu ventre, já significa que há uma ligação entre mãe e filho. Deve-se considerar que no mundo pós-moderno as pessoas sentem mais solidão, “o mundo ficou mais ‘egoísta’”,<sup>125</sup> isso aumenta as chances delas se tornarem depressivas e torna cada vez mais difícil de superar uma

<sup>114</sup> Ainda que a Bíblia não relate o que acontece quando um feto/embrião morre, esta questão permanece no mistério de Deus, pode-se confiar nEle e pedir para que Ele salve a criança, porque se crê num Deus amoroso.

<sup>115</sup> MARIUTTI, 2010, p. 28.

<sup>116</sup> COLLINS, 2004, p. 122.

<sup>117</sup> COLLINS, 2004, p.122.

<sup>118</sup> MARIUTTI, 2010, p. 25.

<sup>119</sup> MARIUTTI, 2010, p. 26.

<sup>120</sup> VILAÇA, 2006, p. 1.

<sup>121</sup> MARIUTTI, 2010, p. 34.

<sup>122</sup> MARIUTTI, 2010, p. 25.

<sup>123</sup> VILAÇA, 2006, p. 1.

<sup>124</sup> MARIUTTI, 2010, p. 28.

<sup>125</sup> MARIUTTI, 2010, p. 26.

depressão. Dentro desse quadro, estão as mulheres que sofrem com a SPA, pois a sua dor normalmente é ignorada pela sociedade.<sup>126</sup> “As mulheres sofrem de síndrome pós-aborto, experimentando o ‘luto incluso’, uma dor na qual a maioria das vezes é negada, quando uma morte real ocorreu”.<sup>127</sup> Assim, quando o luto não pode ser vivenciado no seu curso natural (com lamentações, ansiedade, raiva, dor, desespero e esperança), na falta de esperança, devido à negação, pode ocorrer depressão ou melancolia.<sup>128</sup> Como visto anteriormente, justamente a negação e a supressão são fatores bem presentes nas mulheres que sofrem com a SPA.

A negação e a supressão são formas de defesa para proteger alguém de emoções intoleráveis por um determinado tempo. Contudo, em algum momento a pessoa não consegue lidar com a situação e a emoção se torna perturbada.<sup>129</sup> Devida a essa negação, “o luto não pode praticamente existir”,<sup>130</sup> apesar de que a dor da perda é sentida com flashbacks do momento da decisão e do aborto, inclusive podendo ter pesadelos do bebê e dor no aniversário da morte.<sup>131</sup> A morte intencional do feto ou embrião ocasiona o luto, mesmo quando negado, pois se trata de um ser humano que foi morto.

Estudos mostram que abortos espontâneos podem causar depressão durante seis meses após a perda do bebê, enquanto o aborto intencional pode provocar efeitos negativos psicológicos duradouros. Contudo, grupos pró-abortistas questionam: se anteriormente as mulheres que sofrem com a SPA, não apresentavam distúrbios psicológicos, antes mesmo de realizarem o aborto. Segundo Vilaça, as mulheres que já tinham uma saúde mental vulnerável, agravam essa situação com o aborto. Em alguns países onde o aborto é liberado, as clínicas abortivas argumentam que não se deve falar dos efeitos psicológicos, para que a mulher não venha a desenvolvê-los. Porém, em países como a Espanha, “as mulheres queixam-se que não são alertadas para as consequências psicológicas e psiquiátricas que podem derivar do aborto”.<sup>132</sup> Na realidade, as consequências do aborto intencional são uma resposta a um acontecimento anormal, é reação a um ato violento. Como já se sabe, o aborto intencional agrava a doença mental das que já sofrem com ela, então a doença mental não deveria ser usada como justificativa para a realização do aborto.<sup>133</sup> Normalmente as mulheres que sofrem com a SPA não entendem qual é a raiz do problema, que no caso é o aborto intencional. Elas procuram clínicas para tratar depressão, ansiedades e vícios, mas os sentimentos não resolvidos em relação ao aborto transformam-se em fontes de pressão podendo surgir inesperadamente apenas anos mais tarde, inclusive em mulheres que antes do aborto não sofriam com alguma deturpação psicológica, como a depressão.<sup>134</sup> Dessa forma, deve-se direcionar essas mulheres para serem tratadas num processo de cura.

Mariutti, formada em enfermagem psiquiátrica relata: “a importância do diagnóstico e do tratamento da ansiedade e da depressão pós-aborto justifica-se porque, além de diminuir o sofrimento da mulher, melhorando sua qualidade de vida, pode fazê-la refletir sob o planejamento de sua vida”.<sup>135</sup> Como o ser humano é integral, essa cura não é apenas psíquica ou física, mas também espiritual. Por isso, pergunta-se: de que forma os conselheiros cristãos podem ajudar uma mulher que sofre com a SPA? O fato de uma mulher que abortou intencionalmente sentir culpa, o que pode levar a depressão, mostra que ela necessita do perdão de Deus e perdoar a si mesma e a outros que estavam envolvidos no aborto. Nesse sentido, os pastores, teólogos, líderes cristãos também possuem a tarefa de ajudar as mulheres que sofrem com a SPA, bem como as suas famílias e pessoas envolvidas nesse processo. Por esse ângulo, será relatado no próximo capítulo: há cura e perdão para a mulher que abortou intencionalmente? Como pastores e líderes cristãos podem auxiliá-la?

<sup>126</sup> VILAÇA, 2006, p. 2.

<sup>127</sup> MARIUTTI, 2010, p. 31.

<sup>128</sup> MARIUTTI, 2010, p. 27.

<sup>129</sup> VILAÇA, 2006, p. 1.

<sup>130</sup> MARIUTTI, 2010, p. 32

<sup>131</sup> MARIUTTI, 2010, p. 32

<sup>132</sup> VILAÇA, 2006, p. 3.

<sup>133</sup> VILAÇA, 2006, p. 3-4.

<sup>134</sup> MARIUTTI, 2010, p. 32.

<sup>135</sup> MARIUTTI, 2010, p. 29.

### 3.ACONSELHAMENTO CRISTÃO PARA AS MULHERES QUE ABORTARAM VOLUNTARIAMENTE

*“Como são felizes aqueles que têm suas transgressões perdoadas, cujo pecados são apagados! Como é feliz aquele a quem o Senhor não atribui culpa!” Romanos 4.7-8*

O aborto voluntário causa uma dor imensa nas mulheres<sup>136</sup> que o praticaram por alguma influência ou algum motivo específico. Há esperanças de que essa angústia seja sarada? Como cristãos o que se pode fazer para ajudar? Sim, com auxílio de Deus essa aflição pode ser sarada. Um projeto, já existente, que pode servir de inspiração é o Projeto Raquel.<sup>137</sup> O projeto tem por objetivo auxiliar mulheres que sofrem com o pós-aborto e outras pessoas que estão envolvidas com o mesmo, direta ou indiretamente. “Consiste em uma rede envolvendo profissionais da saúde e representantes da igreja, sacerdotes, religiosos (as) e leigos comprometidos, oferecendo cuidado individual às pessoas que precisam de cura”.<sup>138</sup> Tem sua base na misericórdia de Deus, o que envolve confissão e perdão de pecados. O nome do Projeto Raquel se dá com base bíblica de Jeremias 31. 15-17, justamente por causa da perda dos filhos:

Assim diz o Senhor: Ouve-se um clamor em Ramá, pranto e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável por causa deles, porque já não existem. Assim diz o Senhor: Reprime a tua voz de choro e de lágrimas de teus olhos; porque há recompensa para as tuas obras, diz o Senhor, [...]. Há esperança para o teu futuro, diz o Senhor, [...].<sup>139</sup>

Mesmo que o contexto do versículo bíblico (citado acima) era outro, aponta-se para a esperança que uma mulher no pós-aborto pode encontrar. Deus deseja secar as lágrimas, deseja fornecer perdão e dar sentido à vida.<sup>140</sup> Uma das melhores formas de ajudar uma mulher que cometeu aborto é escutá-la mostrando sensibilidade e compreensão em relação a sua dor. E, nesse processo, construir um canal de esperança e transformação.<sup>141</sup> Nesta pesquisa serão apresentados alguns procedimentos que os pastores<sup>142</sup> e líderes cristãos<sup>143</sup> podem usar para ajudar mulheres que sofrem

<sup>136</sup> Por uma questão de limite de páginas, nesta pesquisa restringe-se a abordagem somente acerca do aconselhamento e poimênica para mulheres que sofrem com a SPA. Para maiores informações, como cuidar e aconselhar pastoralmente o pai da criança abortada e outras pessoas envolvidas no aborto, consulte: Cf. PROJETO RAQUEL. Ministério do Projeto Raquel: um manual de consulta pós-aborto para Padres e Líderes do Projeto Raquel. Comissão para o Clero, Vida Consagrada e Vocações. Comissão para Atividades Pró-Vida, Conferência Norte Americana de Bispo Católicos. Revisado pelo Cardeal Seán O'Malley e Cardeal Justin Rigali, 2009, p. 27- 42.

<sup>137</sup> Uma das bases que a presente pesquisa possui, é a dos relatos que foram retirados de um manual para líderes cristãos do Projeto Raquel, ou seja, tem por base o conhecimento empírico de pessoas que ajudam mulheres que abortaram. O Projeto Raquel tem sua origem no EUA, a partir do serviço da igreja católica. Hoje em dia é assumida pela Conferência Episcopal dos Estados Unidos. Atualmente o projeto já está presente no Canadá, América Latina, Austrália, Nova Zelândia, Europa e Ásia. Cf. PROJETO RAQUEL. Ministério do Projeto Raquel: um manual de consulta pós-aborto para Padres e Líderes do Projeto Raquel. Comissão para o Clero, Vida Consagrada e Vocações. Comissão para Atividades Pró-Vida, Conferência Norte Americana de Bispo Católicos. Revisado pelo Cardeal Seán O'Malley e Cardeal Justin Rigali, 2009. Também: O que é o projeto? Disponível em: <<http://www.projectoraquel.org.br/>> Acesso em 01 out. 2017.

<sup>138</sup> O que é o projeto? Disponível em: <<http://www.projectoraquel.org.br/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

<sup>139</sup> BÍBLIA do pregador. Português. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. Curitiba: Esperança; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

<sup>140</sup> Acredita-se que um projeto semelhante a este poderia ser realizado na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. No qual pastores e líderes cristãos estejam dispostos à ajudar mulheres que sofrem com a SPA, e outras pessoas que estavam envolvidos com o aborto, como a família, amigos, entre outros.

<sup>141</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 6.

<sup>142</sup> Nesta pesquisa quando se usa os termos “pastor” e/ou “conselheiro cristão”, é pressuposto que mulheres pastoras e conselheiras cristãs também estão inclusas, e que elas podem aconselhar as mulheres no pós-aborto. Optou-se pelos termos “pastor” e “conselheiro cristão” para não haver uma repetição de palavras.

<sup>143</sup> Como se sugere para que também leigos, líderes cristãos possam ajudar mulheres e famílias que sofrem com a SPA, é relevante ressaltar algumas questões éticas no aconselhamento pastoral, estas que os pastores também devem estar cientes. Lembre-se que como conselheiro você deve manter sigilo em relação à conversa do aborto. A sala que for usada para o aconselhamento, é recomendável que a porta fique apenas encostada, de forma que a conversa não seja ouvida por alguém que passe no corredor. Caso a porta seja de vidro, essa preocupação não é necessária. Este ministério do pós-aborto é sem qualquer contato físico com o aconselhando. Nesse contexto do aborto, várias mulheres que buscam ajuda podem estar feridas por homens, como no caso de abusos sexuais, o que acentua a questão de não se ter contato

com a SPA. Esses procedimentos não são uma regra, mas uma proposta de orientação.

### 3.1 CONFISSÃO DE PECADOS PÓS-ABORTO

De acordo com Brakemeier, enquanto o pecado e a culpa são fatores degradantes na vida da pessoa, a remissão dos pecados restitui o ser humano, devolve a honra, a liberdade e a dignidade de filho e filha de Deus.<sup>144</sup> Como isso está relacionado ao aborto voluntário? A vida é um presente de Deus e somente Ele a concede, abortar é rejeitar o dom da vida. E somente Deus pode perdoar quem abortou intencionalmente. Através do perdão a mulher pode sentir-se reconciliada com o próprio Deus que tinha concedido a vida do abortado.<sup>145</sup> Até mesmo Mazzara<sup>146</sup> que é psicoterapeuta reconhece que os melhores resultados são verificados quando a mulher que abortou intencionalmente decide confessar-se para um sacerdote,<sup>147</sup> reconhecendo que é pecadora. Em sua clínica uma mulher afirmou: "a psicologia me clareou as ideias, a confissão me deu paz".<sup>148</sup> Nesse sentido, é importante que a teologia e a psicologia andem juntas para que haja cura espiritual e psíquica. Outro fator relevante a ser considerado no processo de cura é o perdoar-se a si mesma e o perdão das pessoas que estavam envolvidos com o aborto.<sup>149</sup>

As mulheres que cometeram aborto possuem perfis diferentes, algumas creem em Jesus e já estavam envolvidas em atividades da igreja, outras não possuem ligação nenhuma com alguma religião ou com Deus. Isso pode significar que ela já tenha confessado o seu pecado, várias vezes ou ainda não.<sup>150</sup> Algumas mulheres podem pensar que cometeram um pecado tão grave que não é perdoável podendo questionar-se: "Deus pode me perdoar? Meu filho pode me perdoar? Será que conseguirei me perdoar? A igreja me rejeitará quando eu confessar este pecado? Onde está o meu bebê? Será que esta dor passará um dia? A cura é possível?".<sup>151</sup> Como a mãe pode ter dúvidas se Deus a perdoa do aborto ou não, deve-se ressaltar o que está escrito em 1 João 1.9: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (ARA).<sup>152</sup> Isso significa que os pecados confessados em arrependimento são absolvidos. Em Mq 7.19 há a ilustração de que Deus lança as transgressões nas profundezas do mar. O conselheiro pode usar essa ilustração para mostrar que Deus não lembra das iniquidades confessadas em arrependimento e buscar transmitir que o amor e a misericórdia de Jesus são maiores do que imaginamos, que Ele tem compaixão de cada ser humano e perdoa as transgressões.<sup>153</sup>

Deus não lembra das iniquidades confessadas em arrependimento, os seres humanos têm o costume de lembrá-los. Caso a mulher já se tenha confessado seu pecado, deve-se perguntar o motivo pelo qual ela não consegue se perdoar.<sup>154</sup> Segundo Tournier, parece que no coração do ser humano está escrito que "tudo precisa ser pago! Para apagar o passado uma expiação deve ser feita".<sup>155</sup> É difícil aceitar a graça de Deus, sem pagar por algo, por isso diversas religiões possuem rituais de sacrifícios para a expiação dos pecados, a fim de tentar diminuir a culpa. Porém, diante de Deus somente o Cordeiro Santo, sem pecado algum, poderia morrer para expiar os pecados da

---

físico. Caso durante a conversa ela relate que foi vítima de abuso sexual, você pode ser obrigado a denunciar esses abusos, conforme a lei do estatuto estadual. Também é importante estabelecer limites de conversa, determine o horário antes mesmo de começar a aconselhar. Cf. PROJETO RAQUEL, 2009, p. 13.

<sup>144</sup> BRAKEMEIER, 2002, p. 70.

<sup>145</sup> VILAÇA, 2006, p. 2.

<sup>146</sup> MAZZARA, 2007, p. 103.

<sup>147</sup> Entende-se aqui como sacerdote um pastor, um líder cristão.

<sup>148</sup> MAZZARA, 2007, p. 103. Tradução nossa.

<sup>149</sup> MAZZARA, 2007, p. 103.

<sup>150</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 9.

<sup>151</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 9.

<sup>152</sup> A abreviação ARA significa: Almeida Revista e Atualizada.

<sup>153</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 11.

<sup>154</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 12.

<sup>155</sup> TOURNIER, Paul. Culpa e graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do Evangelho. Tradução Rute Silveira Eismann. São Paulo: ABU, 1985. p. 202.

humanidade.<sup>156</sup> Somente alguém que não tivesse pecado algum poderia nos reconciliar com Deus. Entre os seres humanos que “não há um justo se quer” (Romanos 3.10). Nada do que se faça por si próprio pode desfazer o mal, nem as boas intenções, nem os mais sinceros esforços.<sup>157</sup> No Evangelho de João se lê o testemunho de João Batista quando vê Jesus Cristo vindo, ele disse: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1.29). Jesus sendo Deus esvaziou a si mesmo e assumiu forma de servo (de ser humano) e tomou sobre si os pecados da humanidade morrendo na cruz (Filipenses 2. 6-8). “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna” (João 3.16). Considerando que Deus já a perdoou, não há mais motivos para que a mulher que abortou voluntariamente fique se culpando.<sup>158</sup> Nesse sentido é necessário perdoar a si mesma. Não há nada que se possa fazer para expiar seus próprios pecados. É relevante que a mulher que sofre com a SPA saiba disso. As boas obras não farão com que ela seja perdoada, o perdão de Deus oferecido à humanidade já custou o sangue de Jesus derramado na cruz e por meio de Jesus se é agraciado por Deus. A morte de Jesus é vicária: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelo injusto, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificados no espírito” (1 Pedro 1.18). “O homem, por si mesmo, nada pode; e nada merece. A confissão, antes de ser um caminho do homem para Deus, é a chegada de Deus à casa do homem”.<sup>159</sup> Assim como na história de Zaqueu, Jesus foi visitá-lo e diante de Jesus ele é confrontado por sua iniquidade e isso gerou mudança de vida (Lucas 19.1-10). Segundo Brakemeier, “a confissão do pecado, pois, tem o encontro de Deus por premissa”.<sup>160</sup> Quando a pessoa é confrontada por Deus, quando ela reconhece a vontade de Deus e sua graça, ela conscientiza-se de sua dívida de forma abrangente. Como está escrito em Rm 3.20: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado”. Nesse sentido, o conselheiro não deve negar a gravidade do pecado, pois além de ser incorreto também negaria a realidade, as consequências do pós-aborto.<sup>161</sup> O conhecimento do pecado conduz ao arrependimento (Romanos 2.4).<sup>162</sup> Brakemeier ainda ressalta:

Importa acrescentar que a pecaminosidade humana constitui apenas um dos aspectos da antropologia bíblica. Deus não esmaga a sua criatura, reduzindo-a a nada e incutindo-lhe complexos indelévels. [...] Cabe ao ser humano a humildade da pessoa falha e imperfeita. Mas é exatamente esta criatura humilde que está sendo amada por Deus, sem haver necessidade de correção estética em seu retrato. Não a pessoa culpada, e, sim, a impenitente exclui-se da comunhão com Deus, assim como ilustra a parábola do fariseu e do publicano (Lc 18.9-14). [...] Deus não aterroriza as pessoas. Busca-lhes a confiança peculiar de filhos e filhas. Quem inspira medo são antes pessoas ‘justas’. Desconhecem misericórdia. Não sabem perdoar.<sup>163</sup>

É justamente estes aspectos citados por Brakemeier que o conselheiro deve levar em conta, de um lado não tratar o pecado como se não fosse algo prejudicial e por outro não ser legalista. No pós-aborto a mulher precisa de compaixão e cuidados pastorais. O próprio Jesus nos deixou como exemplo de Bom Pastor: buscar a ovelha perdida, cuidar das feridas, acolher de volta o filho perdido sem fazer acepção de pessoas.<sup>164</sup>

Parte da cura se dá quando a mulher relata acerca da história do aborto, deve-se deixar a mulher narrar a história no seu tempo, pois contá-la naturalmente não é fácil. Como relatar os momentos traumáticos é um processo doloroso, é importante falar que ela pode interromper o relato no momento que desejar, isso proporciona um senso acerca dos próprios sentimentos.<sup>165</sup> Quando o conselheiro ouvir a história do aborto, precisa prestar atenção também para identificar em que parte do processo de cura ela se encontra. A partir da descrição do Projeto Raquel, o procedimento de cura

<sup>156</sup> Êxodo 12.5: “O cordeiro será sem defeito, macho de um ano; podereis tomar um cordeiro ou um cabrito”.

<sup>157</sup> TOURNIER, 1985, p. 156.

<sup>158</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 19.

<sup>159</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p.10.

<sup>160</sup> BRAKEMEIER, 2002, p. 70. Grifo do autor.

<sup>161</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 11.

<sup>162</sup> BRAKEMEIER, 2002, p. 70.

<sup>163</sup> BRAKEMEIER, 2002, p. 71. Grifo do autor.

<sup>164</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 9-10.

<sup>165</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 14.

envolve: “auto honestidade, reconhecer e se reconectar com seu filho falecido,<sup>166</sup> entregar essa criança a Deus, dar e aceitar o perdão, reconciliação e compromisso com a vida nova”.<sup>167</sup> Um dos pontos mais difíceis do processo de cura é o perdão. Aceitar o perdão de Deus, perdoar a si mesma e as pessoas envolvidas no aborto. Quando a mulher decide perdoar os que estavam envolvidos no aborto, é mais fácil acreditar que Deus a perdoa e que ela pode perdoar-se. Em relação a isso, o conselheiro pode realçar o amor e a misericórdia de Deus, convidá-la a orar, incentivá-la a pedir que Deus a cure.<sup>168</sup> Também é importante permitir que ela possa expressar a sua raiva. De acordo com o Projeto Raquel:

A raiva é um sentimento certamente desconfortável, mas também um sentimento legítimo. Quando a raiva é colocada para fora, ela pode ser prejudicial à própria pessoa ou aos outros. Quando a raiva é expressa como a profunda dor que ela realmente é, o alívio e a cura tornam-se possíveis. Você precisa permitir à mulher que cometeu um aborto que sinta raiva de quem a traiu de alguma forma durante a decisão e o ato de abortar. Este pode ser o pai do bebê, seus pais, amigos ou pessoas da clínica de aborto. Pode ser que ela sinta que não tem o direito de ter raiva, pode ter perdido o controle de sua raiva, ou pode estar em algum estágio intermediário. Lembre-a de que a raiva é um sentimento legítimo e que, se não resolvido, pode levar à depressão ou algo pior.<sup>169</sup>

Uma sugestão é que a mulher escreva uma carta, que não será enviada, para os que estavam envolvidos no aborto. Essa carta pode ser uma oração a Deus.<sup>170</sup> Pode-se explicar que ela pode expressar todos os seus sentimentos para Deus, pois Ele entende o que se passa no seu coração. Para ilustrar isso, pode-se ler um: Salmo de vingança, como por exemplo o Salmo 109, onde o autor expressa sua raiva em relação a outros, mas que é dirigida a Deus. Como está escrito em Romanos 12.19: “não vos vingueis a vós mesmos, mas dai lugar à ira; porque está escrito: a mim pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor”. Nessa carta ela pode pedir para que o Senhor a ajude a perdoar quem estava envolvido no aborto. Conversar com a mulher que da mesma forma como Deus a perdoou, Ele deseja que ela perdoe o seu próximo: como exemplo, pode-se falar acerca da oração do Pai Nosso do verso que diz: “e perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6.12). Jesus demonstrou o seu amor pela humanidade, assim Ele deseja que demos para com o próximo. E por fim, como uma forma simbólica de abandono da raiva e de perdão ao próximo, confiando isso nas mãos de Deus, pode-se pedir para que ela queime a carta ou a destrua de outra forma.

Outro fator a ser considerado: a mulher que cometeu aborto, mantém-no em segredo, principalmente se ela estava envolvida em uma comunidade cristã.<sup>171</sup> Muitas vezes devido ao sentimento de culpa ela para de frequentar as atividades da igreja porque se sente indigna ou acredita que os membros da comunidade julgá-la-ão por tal ato. Dessa forma, seria importante uma palestra para a comunidade explicando o que a mulher sofre com a SPA, para que a comunidade não emita julgamento. Antes de tudo, o grupo cristão deve saber acolher e ser um apoio em momentos difíceis como esses. Assim, a mulher pode sentir-se à vontade, voltar a participar das atividades oferecida pela igreja e viver em comunidade, o que pode ser muito benéfico para a sua vida.

Como a vergonha é um fator presente na mulher depois do aborto, deve-se considerar uma possível relutância em pedir ajuda a um pastor conhecido. Segundo relatos acerca do Projeto Raquel: “isso é particularmente observado nas mulheres que participam ativamente das atividades da

<sup>166</sup> A sugestão no Projeto Raquel é de que a mulher que abortou escreva uma carta para seu filho (a), relatando os sentimentos, explicando o porquê abortou. Caso deseje, ela pode expressar seu amor pela criança, sua tristeza pelo aborto, e pedir perdão para o bebê. Questiona-se de fato é eficaz pedir perdão para a criança. Pensa-se que a mãe pode escrever uma carta para a criança como uma forma simbólica, porém a criança não irá de fato ouvi-la, ou perdoar a sua mãe. Uma sugestão seria, ao invés da mãe escrever uma carta ao bebê, escrever uma carta (oração) a Deus. E nessa carta expressar os seus sentimentos em relação ao aborto, pedir para que Deus a perdoe e pode expressar o desejo de que seu filho a perdoe também. A sugestão do Projeto Raquel é de que se a mãe desejar, ela leia a carta escrita para bebê ao conselheiro, ao invés desta carta, a mãe pode ler a carta que escreveu a Deus para o conselheiro. Cf. PROJETO RAQUEL, 2009, p. 18.

<sup>167</sup> PROJETO RAQUEL 2009, p. 16.

<sup>168</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 15.

<sup>169</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 16.

<sup>170</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 16.

<sup>171</sup> LANGBERG, Diane e CLINTON, Tim. Guia prático para o aconselhamento de mulheres: 40 tópicos, insights espirituais e etapas de ação fáceis de usar. Tradução Josiane Zanon Moreschi. Curitiba: Esperança, 2012, p. 20.

paróquia”.<sup>172</sup> Assim, é recomendado que a encaminhe, de forma confidencial, para outro pastor ou líder cristão. Considerando esse fato, o conselheiro não precisa ficar decepcionado por saber que mulheres da sua comunidade não procuram a sua ajuda, mas deve saber que esse ministério auxilia muitas pessoas e por isso não é necessário um sentimento de inferioridade.<sup>173</sup> Considerando que as mulheres no estado de pós-aborto normalmente procuram outras que já abortaram, o conselheiro pode incentivar as mulheres que já passaram por isso a auxiliarem colegas que sofrem com a SPA. Assim, quem já abortou tira o foco de si mesma e pode fazer diferença na vida de outras mulheres. É uma forma da mulher se sentir valorizada e isso poderá aumentar a autoestima dela.<sup>174</sup>

Analisando a pesquisa, a confissão de pecados é um dos fatores importantes para a recuperação no pós-aborto, pois na confissão se dá a remissão dos pecados. Isso mostra o quanto Deus ama os seres humanos de forma incondicional, mostra a dignidade de cada um, apesar do pecado cometido. Através do amor do Senhor demonstrado a cada um, pode-se perdoar o próximo, que é tão falho quanto eu. Assim, há liberdade e não é necessário viver na escravidão da culpa, pelo pecado cometido. Caso a mulher que não acreditava em Jesus e venha a crer, o conselheiro pode explicar o que está escrito em 2 Coríntios 5.17: “e, assim se alguém está em Cristo é uma nova criatura; as coisas antigas já passaram e eis que se fizeram novas”. Apesar da experiência negativa do aborto, quando há arrependimento, Jesus concede perdão. Dessa maneira, a mulher não precisa viver como antes, presa ao pecado e às coisas da carne, mas é uma nova criatura. Torna-se uma nova criatura porque Deus reconciliou os seres humanos consigo mesmo. Isto é possível porque Cristo se tornou pecado para justificar os que creem nEle (2 Coríntios 5).

### 3.2 AUXÍLIO NO LUTO PÓS-ABORTO

Conforme Olino da Rosa, o amadurecimento do luto envolve a pessoa de forma integral, corpo, alma, mente, seus sentimentos, estilo de vida, relações interpessoais. A melhor forma de auxiliar a enlutada é ouvi-la e buscar entender o que se passa em seu ser.<sup>175</sup> Nessa lógica, compreende-se que o aborto é um evento de morte. Talvez a mulher não tenha aceitado essa situação de luto. Os que são pró-aborto muitas vezes tratam o feto ou embrião como não sendo um ser humano, argumentam que ele é “somente um tecido” ou um “agrupamento de células”. Pode ser que a mulher que tenha aceitado essa informação, continue negando que o abortado era de fato ser humano e que é seu filho. O conselheiro pode auxiliar para que se rompa essa negação, perguntado gentilmente o que ela acredita ter abortado e assim explicar que o abortado era um ser humano.<sup>176</sup>

Segundo relatos acerca do Projeto Raquel, “é extremamente doloroso reconhecer que o aborto é uma experiência de morte”.<sup>177</sup> Como é uma experiência muito dolorosa, mulheres vivem com medo e vergonha, por isso não falam da sua experiência a outros. A cura do luto se dá no reconhecimento da participação de um evento de morte, criando, assim, a possibilidade de vivenciar o luto.<sup>178</sup> Para Franz, um dos primeiros procedimentos dos clínicos que trabalham com mulheres que sofrem com a SPA é fazer com que elas chorem pelo filho perdido, pois a resposta natural humana à morte é a tristeza. Caso a mulher seja impedida de reagir ela terá mais dificuldades de superar a experiência abortiva.<sup>179</sup> No momento em que termina a fase da negação, a emoção surge com intensidade, se dá vazão à dor, à tristeza e às lágrimas. “Isso pode ser precedido ou interrompido por períodos de silêncio, enquanto ela processa o que está sentindo e percebendo”.<sup>180</sup> O conselheiro

<sup>172</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 9.

<sup>173</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 9-10.

<sup>174</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 11.

<sup>175</sup> OLINO da ROSA, 1995, p. 23.

<sup>176</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 15-16.

<sup>177</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 17.

<sup>178</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 17.

<sup>179</sup> FRANZ, Wanda. Que é a síndrome pós-aborto? Disponível em: <<http://aborto.aaldeia.net/sindrome-pos-aborto/>> Acesso em: 11 set. 2017.

<sup>180</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 17.

precisa incentivá-la para que esses sentimentos sejam aceitos e que ela possa ter confiança em compartilhá-los com ele. Orar pela aconselhanda e dizer que há alguém orando silenciosamente para que Jesus cuide dela.

É comum que a mãe fique com magoas após o aborto, uma vez que perdeu seu filho de um modo traumático e antinatural. Assim, é importante que um conselheiro acompanhe a mulher que praticou o aborto e identifique o que se passa em seu ser.<sup>181</sup>

Diante da perda do filho, a mulher pode ter o desejo de substituí-lo engravidando novamente, caso ela comente isso, relata que este desejo é normal, mas é melhor que se concentre em curar seus sentimentos de angústia e perda. E como é comum ocorrer um aborto espontâneo após o aborto voluntário, é aconselhável que ela espere para engravidar novamente.<sup>182</sup>

Em meio ao conflito e à explosão de sentimentos da mulher que sofre com o luto pelo abortado, o conselheiro pode ser um auxiliador, apontando para a esperança que existe na pós-morte, no caso, a ressurreição. Contar para a mulher a história de Jesus Cristo: que morreu pelos nossos pecados e venceu a morte, pois ressuscitou (João 18-20); conforme Langberg e Clinton: “o aborto é trágico, mas não está além da redenção oferecida em Cristo. Ele, que levou o castigo por todos os nossos pecados, também removeu nossas transgressões, culpa e vergonha -tão longe como o oriente está do ocidente”.<sup>183</sup> Além disso, conforme Brakemeier, a fé em Cristo não sepulta a esperança com a morte.<sup>184</sup>

Para ilustrar o conselheiro pode ler a história da ressurreição da filha de Jairo (Lucas 8. 40-56). Jairo, o pai de uma única filha, prostrou-se aos pés de Jesus pedindo por cura, pois a sua filha estava à beira da morte. Então Jesus parte até a casa de Jairo, mas durante o caminho recebem o comunicado de que ela já estava morta. Jesus convida Jairo a não temer, porém crer somente, pois ela seria salva. Quando Jesus entrou na casa, muitos choravam pela morte da menina, Jesus fala para não chorem, afinal a menina estava apenas dormindo. Eles riam de Jesus porque sabiam que ela estava morta. Contudo, Jesus disse em alta voz para a menina: “menina, levanta-te!” Então ela ressuscitou. Como conselheiro, o cristão pode explicar que Jairo o pai da criança também estava aflito por causa da sua filha. O mesmo convite que Jesus fez a Jairo pode ser feito à mulher que sofre pela morte de seu bebê: para que ela não tema, no entanto creia somente em Jesus. O convite também se estende ao pai, familiares, amigos que choram e sofrem pela morte do abortado. Jesus convida a crer que Ele é a ressurreição e a vida. Quem crê nEle ainda que morra viverá (João 11. 25 ). Nada escapa do controle de Deus. Assim como Jesus ressuscitou a filha de Jairo, Ele pode ressuscitar o bebê da mulher enlutada. Caso a mulher não creia em Jesus, você diz que é cristão e que acredita na ressurreição. Pode-se testemunhar de Jesus, afinal a fé vem pelo ouvir da Palavra de Deus (Romanos 10.14). Talvez a mulher venha crer em Jesus.

### 3.3 AUXÍLIO NA DEPRESSÃO PÓS-ABORTO

De acordo com Langberg e Clinton, a depressão é complexa e pode ter várias origens, normalmente “é um sintoma de uma questão mais profunda”.<sup>185</sup> No caso do aborto intencional, já se sabe uma das origens, que é o próprio aborto,<sup>186</sup> o qual envolve culpa ou vergonha, luto, stress pós-traumático, pesadelos, entre outros sintomas que estão associados à depressão.<sup>187</sup> Porém, o aborto intencional pode envolver outras diversas questões, como: idade, situação financeira, violência familiar

<sup>181</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 4.

<sup>182</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 7.

<sup>183</sup> LANGBERG, Diane e CLINTON, Tim. Guia prático para o aconselhamento de mulheres: 40 tópicos, insights espirituais e etapas de ação fáceis de usar. Tradução Josiane Zanon Moreschi. Curitiba: Esperança, 2012, p. 27.

<sup>184</sup> BRAKEMEIR, Gottfried. Por que ser cristão? Dez boas razões para crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo. São Leopoldo: Sinodal, 2014, p. 44.

<sup>185</sup> LANGBERG; CLINTON, 2012, p. 124.

<sup>186</sup> MARIUTTI, 2010, p. 43.

<sup>187</sup> MARIUTTI, 2010, p. 24.



ou no trabalho, entre outros.<sup>188</sup> Assim, talvez a mulher já sofria de depressão antes mesmo de realizar o aborto, este pode ter sido um fator que agravou a doença. Também há a possibilidade de que a mulher só tenha vindo a sofrer com a depressão após o aborto intencional. Por isso, é importante que o conselheiro ouça atentamente a mulher, sem fazer pré-julgamentos, até porque parte da cura se dá quando a mulher relata a sua história. Conforme Mariutti, precisa-se de “uma equipe preparada para compreender as necessidades, não somente físicas, mas também sociais e psicológicas e todo o seu contexto, independente da etiologia do aborto, com capacidade de ouvir, sem julgamentos, pode ajudar efetivamente”.<sup>189</sup>

Segundo Collins, quando se descobre quais são as causas psicológicas e espirituais por detrás da depressão [ou até mesmo do aborto], fica mais fácil de lidar no aconselhamento. Talvez a depressão tenha origem de alguma pressão familiar,<sup>190</sup> o que pode ter sido o fator decisivo para a mulher causar o aborto. Nesse sentido, o conselheiro deve fazer perguntas à mulher e prestar atenção nas respostas, para desencadear o real motivo que levou ao aborto e a depressão.<sup>191</sup>

Como a mulher que abortou voluntariamente vive, normalmente, o luto postergado ou não resolvido, o que pode levar a diferentes comportamentos futuros, conceda espaço para que ela dê vazão à suas dores, livre de preocupações.<sup>192</sup> Conforme Collins, no caso de uma perda familiar, o conselheiro pode motivar a pessoa a falar sobre o assunto, perguntando como se sente em relação ao mesmo, bem como discutir formas práticas de lidar com o stress e auxiliar a mulher prosseguir a vida, sem ficar presa à uma estagnação.<sup>193</sup> Segundo Mariutti: “na orientação não diretiva, a atenção deve se focalizar não sobre o problema da pessoa, mas também sobre a própria pessoa, seu crescimento, desenvolvimento, maturidade, melhor funcionamento e maior capacidade de enfrentar a vida”.<sup>194</sup> Quando a mulher fala sobre o aborto é uma oportunidade de ela conhecer um pouco mais de si mesma. Dessa forma, ela pode descobrir o que sente e desencadear para si potencialidades de enfrentar o problema, não apenas em relação ao aborto, mas também outros problemas que poderão surgir futuramente.<sup>195</sup> Com isso ela pode amadurecer e criar meios de resiliência, que é a capacidade de responder ou de se recuperar de dificuldades, de circunstâncias adversas.<sup>196</sup>

Conforme Mariutti, há eventos na vida de stress traumáticos que podem conduzir a transtornos psicopatológicos e quando estes não são devidamente tratados, perpetuam durante anos podendo determinar uma modificação no estilo de vida. Dentre estes eventos, Mariutti, cita o luto, a perda e o aborto.<sup>197</sup> Tanto o luto pode levar a depressão,<sup>198</sup> quanto a culpa ou vergonha<sup>199</sup> e são sintomas comuns para quem sofre com a SPA. Assim, quando o conselheiro percebe que a mulher que abortou intencionalmente está com depressão e apresenta transtornos psicopatológicos é importante ele encaminhá-la a um psicoterapeuta.

Segundo Collins, é comum a depressão estar associada a stress e perdas significativas,<sup>200</sup> o que inclui o aborto. Como as pessoas depressivas normalmente são muito passivas e pessimistas com atitudes de resignação, é importante o conselheiro ter uma postura de ênfase na conversa. Na sua fala é bom usar frases de estímulo, porém sem exagerar no sentimentalismo, para que a mulher que sofre com a SPA se sinta motivada a fazer algo que traga autoestima para ela. Tente evitar frases de confronto e de cobrança, especialmente no começo, pois isso geralmente aumenta a ansiedade, o pessimismo e desânimo. Procure incentivar a mulher a falar sobre o que lhe causa, raiva, pensamentos

<sup>188</sup> MARIUTTI, 2010, p. 59, 64, 69.

<sup>189</sup> MARIUTTI, 2010, p. 44.

<sup>190</sup> COLLINS, 2004, p. 130.

<sup>191</sup> COLLINS, 2004, p. 130.

<sup>192</sup> MARIUTTI, 2010, p. 44.

<sup>193</sup> COLLINS, 2014, p. 130.

<sup>194</sup> MARIUTTI, 2010, p. 45.

<sup>195</sup> MARIUTTI, 2010, p. 45.

<sup>196</sup> MARIUTTI, 2010, p. 38.

<sup>197</sup> MARIUTTI, 2010, p. 40.

<sup>198</sup> OLINO da ROSA, 1995, p. 29.

<sup>199</sup> LANGBERG; CLINTON, 2012, p. 121.

<sup>200</sup> COLLINS, 2004, p. 125.

negativos, baixa autoestima, culpa e mágoas.<sup>201</sup> O conselheiro precisa prestar atenção nos seus próprios limites, Collins sugere:

Quando estiver trabalhando com pessoas deprimidas, procure estar sempre consciente de seus próprios sentimentos. Você fica impaciente quando tem um aconselhando negativista, que vive reclamando? Sua mente começa a divagar ou você começa a der pensamentos negativos e desanimadores? Ajudar pessoas deprimidas pode ser um teste e tanto para as suas habilidades de conselheiro, pois a probabilidade de que eles necessitem de atenção e dedicação especial é muito grande.<sup>202</sup>

O conselheiro que tem consciência das suas limitações, normalmente torna o seu auxílio mais eficaz. As pessoas depressivas comumente se tornam dependentes de outras, por isso o conselheiro deve-se perguntar: “será que estou estimulando a dependência numa pessoa já deprimida? Será que com isso estou tentando aumentar meu senso de importância e poder? Estou estimulando raiva e pensamentos negativos? Estou fazendo cobranças demais?”<sup>203</sup> Caso o conselheiro não preste atenção nestes aspectos, ao invés de ajudar a mulher no pós-aborto, a depressão poderá aumentar.<sup>204</sup> Segundo Collins, as pessoas depressivas que pensam em suicídio, normalmente deixam pistas acerca das suas intenções.<sup>205</sup> Como a mulher que abortou intencionalmente talvez pense nessa hipótese, uma das questões recomendadas aos conselheiros é investigar os sentimentos pós-aborto da mulher:

[...] possíveis comportamentos de alto risco; sentimentos de desolação, vergonha ou pensamentos suicidas; e seu quadro geral. Esteja atento a comentários de que ela ‘quer estar com seu bebê’: isto pode indicar intenção de suicídio. Neste caso, é necessário encaminhá-la imediatamente a um profissional de saúde mental.<sup>206</sup>

Collins recomenda que o conselheiro preste atenção em alguns sinais que podem indicar tendências ao suicídio, como: conversas acerca do suicídio; indicações de um plano para se matar; sentimento da vida não ter sentido ou de desamparo; sentimento de culpa e de desvalorização própria; stress ambiental recente; falta de capacidade de lidar com o stress; preocupação demasiada com alguma doença física ou com a insônia; ênfase na depressão, desorientação ou atitudes desafiadoras; quando a pessoa constantemente se apresenta como dependente e insatisfeito ao mesmo tempo; uma mudança de humor imprevista e inexplicável, aparentando ser alegre e jovial (segundo o autor, isso significa que a pessoa já tomou a decisão de suicidar-se); quando mostra que tem conhecimentos de formas eficientes de suicídio e histórico de tentativas de suicídio.<sup>207</sup> O conselheiro precisa perguntar se a mulher depressiva no pós-aborto já pensou na hipótese de suicídio, assim o conselheiro pode examinar racionalmente. Ao contrário do que alguns pensam, que essa conversa pode estimular o suicídio, ela reduz as chances ocorrer.<sup>208</sup> Quando o conselheiro percebe tendências suicidas, é recomendável que ele encaminhe a mulher a um psiquiatra<sup>209</sup> e deve continuar ajudando-a. O conselheiro pode orar pela pessoa que está pensando em cometer o suicídio, para que Deus a proteja de qualquer mal. O fato de apontar para Cristo, dizer para a mulher que Deus a perdoa apesar dos pecados cometidos e que Cristo a ama incondicionalmente por ser criada a imagem e semelhança de Deus, que ela possui dignidade (Gênesis 1.17), concede esperanças a aconselhanda. Segundo Bollmann, uma pessoa que está pensando no suicídio pode sentir fortemente a culpa e sentir-se indigna de ser perdoada. O que pode ser o caso de uma mulher no pós-aborto. Assim, deve-se dar oportunidade de ser perdoada através da confissão de pecados. Uma pessoa com tendências suicidas precisa de apoio e aceitação. O conselheiro pode auxiliar a estabelecer um relacionamento no qual a

<sup>201</sup> COLLINS, 2004, p. 129.

<sup>202</sup> COLLINS, 2004, p. 129.

<sup>203</sup> COLLINS, 2004, p. 129.

<sup>204</sup> COLLINS, 2004, p. 129.

<sup>205</sup> COLLINS, 2004, p. 133.

<sup>206</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 6.

<sup>207</sup> COLLINS, 2004, p. 133.

<sup>208</sup> COLLINS, 2004, p. 133.

<sup>209</sup> LANGBERG; CLINTON, 2012, p. 22.

pessoa decide pela vida e não pela morte. Bollmann<sup>210</sup> dá algumas dicas de como o conselheiro pode agir diante de alguém que está pensando em suicídio: 1. Falar com naturalidade acerca do assunto, tentar persuadir a pessoa a mudar de ideia ou pelo menos adiar a sua decisão. 2. Buscar ouvi-la e compreendê-la, “sem entrar em debates, apenas enfatize que ‘parte dele quer viver’”.<sup>211</sup> 3. Apresentar-se disponível, dar o número de seu telefone a mulher e dizer que há disposição de conversa a qualquer momento. 4. Manter contato com outros auxiliares, como médicos, psiquiatras, para encaminhá-la, caso precise. 5. Procurar saber qual a situação familiar, isso pode ser a ponta do iceberg, talvez toda a família precise de poimênica. No caso do aborto intencional, pode ser que toda a família esteja envolvida na decisão do aborto, por isso também necessita de cuidados pastorais. 6. Oportunidade de ser perdoado. 7. O conselheiro deve “mobilizar as forças criativas do paciente, adormecidas pela crise”.<sup>212</sup> 8. Estimular a cuidar bem de si mesma. 10. Fornecer perspectivas de futuro e integração (como a de participar de algum grupo na igreja).<sup>213</sup> Collins relata ao conselheiro, caso ocorra o suicídio para que não fique preso à culpa:

Se uma pessoa está realmente determinada a cometer o suicídio, o conselheiro pode adiar a tentativa, mas com o tempo, a pessoa vai tentar de novo. Até mesmo os terapeutas mais dedicados não podem impedir permanentemente que o aconselhando atente contra a própria vida. É bom ter isso em mente se o suicídio ocorrer, porque, do contrário, o conselheiro pode ficar preso a um sentimento de culpa porque não foi capaz de impedir a morte da pessoa.<sup>214</sup>

Caso essa pessoa venha a cometer suicídio que o conselheiro não carregue a culpa desse evento, mas deixe nas mãos de Deus essa situação.

Outra questão a ser considerada é a tendência de a mulher no pós-aborto tornar-se dependente do álcool ou de drogas. Devido à culpa, ao stress, por sentir o “vazio” que ela sente, a mulher pode começar a usar substâncias psicoativas como uma forma de esquecer a sua dor, como alívio.<sup>215</sup> De acordo com Figlie, o uso de álcool é comum entre pessoas depressivas. Dessa forma, deve-se diagnosticar o que está por trás do uso de bebidas alcoólicas. Caso exista depressão precisa-se tratá-la.<sup>216</sup> Então é recomendável o conselheiro perguntar a mulher no pós-aborto: “você está usando drogas ou álcool para lidar com a sua dor?”.<sup>217</sup> Caso a resposta seja positiva, então “o princípio norteador é que, quando o alcoolista está sofrendo de uma doença depressiva, a prioridade terapêutica será persuadir o paciente a parar de beber. A abstinência aliviará a depressão. Tratá-la será a segunda fase do tratamento”.<sup>218</sup> Conforme Collins,<sup>219</sup> o termo clínico depressão não aparece na Bíblia, porém apresenta vários relatos acerca do tema em si. Elias, um dos personagens bíblicos, ficou desanimado ao ponto de querer morrer (1 Reis 19.5). Porém, Deus cuidou de Elias, enviando um anjo para alimentá-lo e ele também descansou, dormiu. Collins relata que talvez essa tenha sido a forma que Deus tenha usado para curar a depressão após a adrenalina do profeta.<sup>220</sup> Mesmo em meio ao deserto, na solidão e no desânimo, assim como estava Elias, Deus se faz presente e cuida de cada ser humano. Com essa certeza, o conselheiro pode dirigir-se à mulher no estado de pós-aborto. Deus compreende os sentimentos e a tristeza de cada ser humano. Alguns salmos falam do desespero, porém em contexto de esperança. No Salmo 43.5, vê-se que Davi mostra tanto o desespero como de esperança: “por que está abatida, ó minha alma? Por que perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda

<sup>210</sup> BOLLMANN, Luiz Henrique. Suicídio: uma abordagem teológica e pastoral. 2007. 02f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, 2007, p. 33.

<sup>211</sup> BOLLMANN, 2007, p. 33.

<sup>212</sup> BOLLMANN, 2007, p. 33.

<sup>213</sup> BOLLMANN, 2007, p. 33.

<sup>214</sup> COLLINS, 2004, p. 133.

<sup>215</sup> COLLINS, 2004, p. 578-581.

<sup>216</sup> FIGLUE, Neliana Buzi. Aconselhamento em dependência química. Neliana Buzi Figlie; Selma Bordin; Ronaldo Laranjeira (Org). 2ª ed. São Paulo: Roca, 2010, p. 46.

<sup>217</sup> LANGBERG; CLINTON, 2012, p. 22.

<sup>218</sup> FIGLUE, 2010, p. 46.

<sup>219</sup> COLLINS, 2004, p. 123.

<sup>220</sup> COLLINS, 2004, p. 124.

louvarei, a ele meu auxílio e Deus meu”.<sup>221</sup> Esse verso mostra que existe solução para o abatimento da alma do salmista, a esperança no próprio Deus. “O desespero realístico é colocado em contraste com uma certa esperança. [...]. A Bíblia não enfatiza tanto o desespero humano, mas sim a fé em Deus e a certeza de que gozaremos uma vida abundante no céu, se não pudermos desfrutar na terra”.<sup>222</sup>

A Bíblia mostra que Jesus não prometeu um mundo sem problemas para os seres humanos, nem mesmo para quem é seu seguidor. Em João 16.33 está escrito: “estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo”. O Conselheiro pode dizer à mulher que Jesus Cristo sofreu em lugar da humanidade, entende a dor, a aflição de cada ser humano, pois: “certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi transpassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que traz a paz estava sobre ele, e pela suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53.4-5- ARA). Justamente porque Jesus levou sobre si as dores de cada um, a morte já está vencida e há esperança de ressurreição. Não obstante, o conselheiro pode explicar para a mulher, que ela não precisa ficar pressa na depressão, apesar dos problemas momentâneos, é possível viver em paz neste mundo. Paz, nesse caso, não significa ausência de problema, mas no meio desta dificuldade, acredita-se viver na paz que Jesus Cristo concede. É viável ter bom ânimo, porque o Senhor Jesus já venceu o mundo, há esperança de vida eterna. Como diz Brakemeier:

A vida eterna inicia antes da morte, mas não é limitada por ela. Ela celebra o triunfo sobre tudo o que aniquila. Não há motivos para negar a morte, nem para com ela se conformar. Pois o amor de Deus é a realidade última no universo (Romanos 8.39). E ele é a promessa de chegarmos ‘em casa’ quando daqui partimos. Ilustra-o o retorno do filho pródigo. Estava sendo aguardado pelo pai. Quando chegou, foi grande a festa.<sup>223</sup>

A depressão quando colocada em contraste com a esperança de vida eterna, que há em Jesus, pode melhorar a saúde psíquica e espiritual de alguém depressivo. Pois, considera-se olhar para além do horizonte dos problemas enfrentados no aqui e agora. A fé em Jesus Cristo fornece a esperança de se viver no paraíso em comunhão com Deus, sem os problemas do tempo chamado presente. Como cristãos, crê-se que a vida eterna já começa aqui na terra (“já agora e ainda não”), apesar dos problemas. Sem embargo, leva o cristão a olhar para além do aqui e agora, ter esperanças de um novo céu e uma nova terra (Apocalipse 21.1), onde Deus estará com os seus “e lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram” (Apocalipse 21.4). Assim, deve-se incentivar a mulher que sofre com a depressão a ler a Bíblia e orar a Deus. Isso é muito benéfico, não apenas no tratamento, mas também para a comunhão com Deus.<sup>224</sup> Caso a mulher ainda não creia em Jesus, lembra-se que “a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus”.

<sup>221</sup> COLLINS, 2004, p. 125.

<sup>222</sup> COLLINS, 2004, p. 123.

<sup>223</sup> BRAKEMEIER, 2004, p. 45-46.

<sup>224</sup> PROJETO RAQUEL, 2009, p. 11.

## CONCLUSÃO

A partir da atual pesquisa, conclui-se que o início da vida do ser humano não pode ser determinado por critérios humanos, pois estes divergem entre si. Considerando esses fatos e que o indivíduo permanece no mistério, o mais justo, em proteção da vida, é considerar a hipótese mais precoce do começo da vida como sendo na concepção. Entende-se que o Criador e Senhor da vida concedeu dignidade a todos os seres humanos, portanto, o nascituro também é digno. Pelo fato de todas as pessoas serem criadas à imagem e semelhança de Deus e de Ele mesmo proteger quem não consegue se defender, os direitos humanos estão ligados a Deus. O Protetor da vida concede mandamentos à humanidade para promoção da vida. O quinto mandamento, não matarás, está diretamente ligado à proteção da vida. O não cumprimento dessa ordem é pecado, na perspectiva teológica. O fato da mulher ter o direito à privacidade não lhe concede o direito de abortar, pois todos os seres humanos tem igualdade de direitos. Assim como a mulher possui o direito à vida e à privacidade, o nascituro tem, de igual forma, os mesmos direitos. Como o ventre materno é o espaço onde o feto/embrião se desenvolve, ele possui o direito de não ser invadido com algum instrumento ou substância que mata-lo-á.

Na ótica teológica o aborto voluntário é considerado pecado e gera consequências negativas para quem o cometeu. A síndrome pós-aborto é consequência do aborto intencional e possui como sintomas a culpa, a depressão e o luto. Normalmente as mulheres que estão pensando em provocar a amblose não são informadas acerca das consequências psicológicas e espirituais que o mesmo pode causar. Assim, considerando que as mulheres possuem dignidade, seria justo informá-las acerca da síndrome pós-aborto. Observa-se, porém, que não são todas as mulheres que sofrem com a síndrome pós-aborto, contudo, a maioria. Por isso, como cristãos, dever-se-ia prestar mais atenção nesse aspecto, tanto para realizar um trabalho de prevenção contra o aborto, quanto para auxiliar as mulheres no pós-aborto. Como os sintomas da SPA normalmente não são associados com o aborto ou até negados, algumas mulheres podem sofrer com os sintomas somente quarenta anos mais tarde. O mais comum é que os sintomas apareçam após cinco anos da realização do aborto ou logo depois, depende de cada mulher.

Reconhece-se que a culpa sentida no pós-aborto não é imposta pela religião, pois em países onde há um alto número de ateus, como o Japão, as mulheres também sofrem com a síndrome pós-aborto. As mulheres que sentem culpa e vergonha, normalmente não comentam sobre o aborto com outras pessoas e quando procuram ajuda, comumente, a buscam com outras mulheres que abortaram. Contudo, a mulher que abortou voluntariamente e que quer ajudar, pode não estar recuperadas da síndrome pós-aborto, não estando madura para lidar com a situação que lhe será exposta. Nesse sentido, é importante realizar palestras sobre a SPA motivando mulheres no estado de pós-aborto à procurarem ajuda com um conselheiro cristão ou com mulheres que já tiveram um acompanhamento pastoral e estão recuperadas da síndrome pós-aborto. Observa-se também que os sintomas da SPA estão interligados. A culpa decorrente do aborto intencional está relacionada ao luto. A mulher se sente culpada porque tirou a vida do seu bebê, o que fere a psique feminina, pois a interrupção da gravidez é contrária ao seu instinto maternal. A depressão é gerada pela culpa e pelo luto. A mulher pode ter pesadelos com flashbacks do momento do aborto, sentir dor na data em que seria o aniversário do abortamento, ter pensamentos suicidas, começar a fazer uso de substâncias psicoativas. Diante disso, percebe-se que o auxílio de um conselheiro cristão é fundamental.

Um dos aspectos fundamentais no aconselhamento cristão é ouvir a história da mulher, sem fazer pré-julgamentos, não sendo legalista e ao mesmo tempo não tratar o pecado como se não fosse prejudicial. Grande parte da cura se dá quando a mulher consegue relatar a sua história. No aconselhamento cristão as mulheres que sofrem com a SPA, podem encontrar na confissão de pecados um grande auxílio. É no reconhecimento da culpa que se inicia o processo de cura. Quando a mulher, em arrependimento, expressa seu pecado diante de Deus, o conselheiro deve apontar para o perdão oferecido por Jesus Cristo e que a remissão por suas transgressões também é oferecida a ela.

Com o perdão, a aconselhanda pode perceber o amor incondicional de Deus que a considera digna, apesar dos seus pecados. Com a certeza dos pecados perdoados, o perdão a si mesma e aos envolvidos na decisão do aborto é mais fácil. A absolvição de pecados restitui a autoestima, a honra e a liberdade da mulher.

Analisa-se que o luto de um aborto intencional, via de regra, não é reconhecido pela sociedade, principalmente pelos pró-abortistas que não consideram o nascituro um ser humano. Com isso, a mulher pode não ter vivenciado o luto. Uma vez que ela estiver em aconselhamento, é necessário auxiliar a mulher para que ela reconheça que participou de um evento de morte e precisa viver o processo do luto. Todavia, o conselheiro também deve apontar para a ressurreição dando-a esperança. Jesus Cristo morreu e ressuscitou, venceu a morte, assim, tem-se a possibilidade de vida eterna. Como Jesus é a ressurreição e a vida, a aconselhanda é convidada a crer em Jesus, a não temer, pois seu filho está nas mãos de Deus e Ele pode ressuscitar seu filho.

Conclui-se que a mulher com depressão que vivenciou um evento de stress traumático, o que geralmente conduz a transtornos psicopatológicos, deve ser encaminhada a um psicoterapeuta. Porém, o conselheiro pode continuar auxiliando-a: ouvir a história da mulher, e perceber o que de fato levou-a à depressão; ajudar a criar meios de resiliência; incentivá-la a não ficar estagnada. Uma das formas para ajudá-la a sair da estagnação e que favorece a autoestima é incentivar que a mulher tire o foco de si mesma e ajude outras pessoas. O conselheiro também deve estar de ouvidos atentos, caso a mulher manifeste sinais de pensamentos suicidas. Nesse caso, o conselheiro também precisa encaminhá-la a um psicoterapeuta e enfatizar que sua vida é importante, bem como, fornecer perspectivas de outro futuro. Se caso houver ocorrência do uso de substâncias psicoativas, de álcool ou de fármacos, o conselheiro pode tentar persuadir a mulher a interromper o consumo destas substâncias e dependendo do fato encaminhá-la a um centro de recuperação de dependentes químicos.

Deus se faz presente mesmo em meio ao sofrimento causado pela síndrome pós-aborto. A espera por uma vida eterna que se encontra em Deus é um contraste em relação ao sofrimento deste mundo. A esperança e a comunhão com Deus, oriundas da leitura bíblica e oração, ajudam na saúde psíquica e espiritual da mulher no pós-aborto.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO FILHO, Caio Fábio de. **Abrindo o jogo sobre o aborto**. Belo Horizonte: Betânia, 1985.
- BARTILOTTI, Márcia Mirra Barone. Aborto. In: Camon- Valdemar A. Angerami (Orgs.). **A ética na saúde**, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- BRAKEMEIR, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA do pregador. Português. Tradução João Ferreira de **Almeida**. Revista e atualizada. Curitiba: Esperança; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Por que ser cristão?** Dez boas razões para crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo. São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- BOLLMANN, Luiz Henrique. **Suicídio**: uma abordagem teológica e pastoral. 2007. 02f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, 2007.
- COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução Lucília Marques Pereira Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- ESPÍNDOLA, Renata. **Aspectos psicológicos decorrentes do aborto provocado em gravidez não desejada**. <<http://www.correiadoestado.com.br/opiniaio/renata-espindola-aspectos-psicologicos-decorrentes-do-aborto/255476>>. Acesso em :12 de set. 2017.
- FRANZ, Wanda. **Que é a síndrome pós-aborto?**. Disponível em: <<http://aborto.aaldeia.net/sindrome-pos-aborto/>>. Acesso em: 11 set. 2017.
- FIGLUE, Neliana Buzi. **Aconselhamento em dependência química**. Neliana Buzi Figlie; Selma Bordin; Ronaldo Laranjeira (Org). 2ª ed. São Paulo: Roca, 2010.
- GRZYBOWSKI, Carlos Tadeu. Perdão e Psicoterapia. In: **Revista Orientação**: Culpa- Confissão e Perdão. Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, n. 5, jan. –jun/ 2016.
- GEISLER, Norma L. **Ética Cristã**: opções e questões contemporâneas. Tradução Alexandros Meimaridis; Djair Dias Filho. 2 . ed. rev. e atual. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- KÄSLER-HEIDE, HELGA M. **Diagnose**: morte e morrer. Springer: 1999.
- LANGBERG, Diane; CLINTON, Tim. **Guia prático para o aconselhamento de mulheres**: 40 tópicos, insights espirituais e etapas de ação fáceis de usar. Tradução Josiane Zanon Moreschi. Curitiba: Esperança, 2012.
- List of companies using fetal cells from aborted babies to flavor**. Disponível em: <<http://www.healthclinicweb.com/2016/02/11/list-of-companies-using-fetal-cells-from-aborted-babies-to-flavor-known-to-share/>>. Acesso em: 23 set. 2017.
- LUTERO, Martinho. **Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero**. Tradução Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal: Porto Alegre: Concórdia, 2012.
- MARIUTTI, Mariana Gondim. **Associações do abortamento com depressão, autoestima e resiliência**. 2010. 121f. Tese (Doutorado Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.
- MAZZARA, Pablo Verdier. **Señor... ¿dónde está mi hijo?** Las otras víctimas del aborto. Corporación proyecto esperanza (Org.). Obispado de San Bernardo (Ed.) Verónica Griffin Barros: Chile, 2007.

MEZZOMO, Augusto A. Dignidade e direitos da pessoa humana- pesquisa da visão antropológica e teológica no pensamento dos sábios ao longo da história. In: **Revista Biethikos**. Centro Universitário São Camilo, v.5, n.2, fev.-mar/2011.

OLINO da ROSA, Rubem. **Amadurecendo com o luto**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

O QUE É. **O que é nascituro?** Disponível em: <<https://oquee.com/nascituro/>>. Acesso em: 20 de out 2017.

**O que é o projeto?** Disponível em: <<http://www.projetoraquel.org.br/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

**Origem da palavra**. Disponível em:<<http://origemdapalavra.com.br/site/?s=aborto>>. Acesso em: 05 set. 2017.

PROJETO RAQUEL. **Ministério do Projeto Raquel**: um manual de consulta pós-aborto para Padres e Líderes do Projeto Raquel. Comissão para o Clero, Vida Consagrada e Vocações. Comissão para Atividades Pró-Vida, Conferência Norte Americana de Bispo Católicos. Revisado pelo Cardeal Seán O'Malley e Cardeal Justin Rigali, 2009.

**Quando a vida começa?** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/vida-o-primeiro-instante/>> Acesso em: 31 de ago 2017.

REIFLER, Hans Ulrich. **A ética dos dez mandamentos**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SILVA JUNIOR, Antonio Carlos Rosa. **Aborto**: causas, consequências e alternativas. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/18658/aborto-causas-consequencias-e-alternativas>>. Acesso em: 05 set. 2017.

STRIEDER, Inácio. A Bíblia e a fundamentação ético-teológica dos direitos humanos. In: **Symposium de Filosofia**. Recife - Universidade Católica de Pernambuco, v.1, n.1, jul.-dez/1998.

**Tipos de aborto**. Disponível em: < <http://www.aborto.com/tipos%20de%20aborto.htm>>. Acesso em: 06 set 2017.

TRASFERETTI, José Antônio. Teologia moral, bioética e cultura da morte: desafios para a Pastoral. In: **Revista Pistis e Práxis. Teologia Pastoral**. Curitiba, v. 5, n. 1, jan.-jun/2013.

TOURNIER, Paul. **Culpa e graça**: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do Evangelho. Tradução Rute Silveira Eismann. São Paulo: ABU, 1985.

VILAÇA, Maria José. **Síndrome Pós Aborto**. Alameda digital: actualidades, ideias e culturas. Dezembro de 2006.

WANKE, Roger Marcel. Por que preciso de perdão? Considerações a partir de Gênesis 3 e 4. In: **Revista Orientação**: Culpa- Confissão e Perdão. Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, n. 5, jan. -jun/ 2016.

WESTERMANN, Claus. **O livro do Gênesis**: um comentário exegético – teológico. Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.

WESTPHAL, Euler R. **Ciência e Bioética**: um olhar teológico. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

WIESE, Werner. **Ética Fundamental**: critérios para crer e agir. São Bento do Sul: União Cristã: FLT, 2008.